

O início da série de maior sucesso da TV

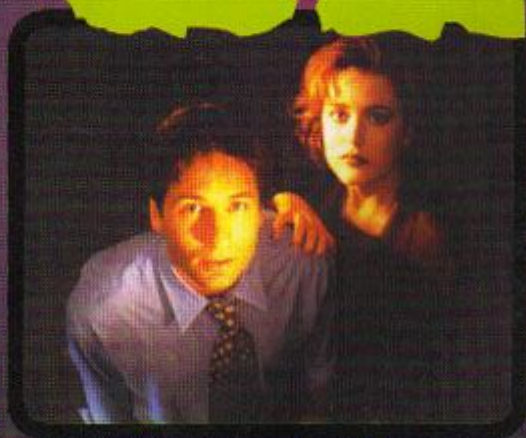
Novelização de **Les Martin**

baseada na série de TV

ARQUIVO X

Criado por **Chris Carter**

Adaptação do roteiro
de **Chris Carter**



1

A VERDADE ESTÁ LÁ FORA

Capítulo I

A jovem corria pela floresta escura. Descalça, seus pés tropeçavam nas pedras, escorregavam sobre as lisas folhas caídas. Sua camisola deixava os braços à mostra, o que a tornava mais vulnerável aos galhos e espinhos que cortavam sua pele. Mesmo assim, ela corria, e sua expressão era a de um animal caçado.

Gotas de suor corriam por sua pele, a respiração era ofegante e lágrimas desciam abundantes dos seus olhos. Então eles se arregalaram, quando ela percebeu que estava caindo. Tinha tropeçado numa raiz saliente, o que a fez cair em uma clareira, apoiando-se sobre as mãos e os joelhos. Ela deixou-se ficar ali, ofegante, cansada demais para tentar levantar-se.

Ela sabia que a perseguição tinha terminado. Só precisava esperar.

Um instante depois, acabou.

Um redemoinho de poeira e folhas soltas levantou-se do

chão da floresta, e cada vez mais rápido, girou ao redor dela. O cascalho que voou atingiu sua pele como os ferrões de um milhão de abelhas. Seus olhos piscaram em desespero, então sua visão foi ofuscada pela explosão fortíssima de uma luz branca que saiu do nada.

O estranho facho branco inundou toda a clareira e com ele veio um zumbido de alta frequência. A garota levou as mãos aos ouvidos, mas o som atravessou a barreira, como o choro estridente de uma serra de alta velocidade. E o barulho foi ficando ainda mais intenso em meio às pancadas que pareciam choques de peças de metal pesado.

Todo o corpo da moça ficou tenso, como se estivesse se preparando para o que estava para acontecer.

Uma figura apareceu no meio do facho de luz branca. Só era possível ver o seu perfil. A luz ficou ainda mais forte, e tudo que havia ali, a figura, a garota, a clareira, a floresta e até a noite, desapareceu no meio dela.

Só ficou a voz da garota, gritando uma palavra, talvez um nome. Não era possível distinguir, porque a dor havia retalhado o som.

O eco de seu grito acabou desaparecendo, a luz se apagou e toda a floresta voltou a ficar em silêncio, como uma enorme sepultura. Então os pássaros começaram a cantar, as folhas tremeram ao vento e a vida recomeçou, deixando a garota para trás, para que os vivos a encontrassem.

Ela foi encontrada no dia seguinte por um caçador de perdizes à primeira luz da aurora. Ele foi correndo para a cidade, contar o que vira. Quando o sol da manhã tingiu de azul o céu do Oregon, as autoridades policiais já estavam no local.

— Eu diria que ela morreu entre umas oito a doze horas atrás — informou o legista ao chefe dos investigadores da polícia.

Estavam os dois em pé, olhando para o cadáver da garota,

de rosto para baixo. Ao lado dela estavam os dois assistentes do legista.

— E a causa da morte? — perguntou o investigador. Era um homem alto e forte. Mas, naquele momento, seus ombros largos pareciam caídos.

O legista pigarreou antes de responder.

— Nenhuma causa visível. Só alguns arranhões e cortes leves na pele. Nenhum sinal de pancadas ou ataque de caráter físico. Só temos isto.

O legista curvou-se sobre a garota e levantou a barra de sua camisola. Havia duas marcas vermelhas na parte baixa das costas, feridas profundas, do tamanho de duas moedas, que deixavam bordas salientes.

O detetive olhou para aquelas marcas e trocou olhares com o legista. Não havia surpresa na expressão de nenhum dos dois, só o olhar de cumplicidade diante de uma situação terrível já bastante conhecida.

As mandíbulas do detetive se cerraram. Ele não podia mais adiar o que tinha de fazer em seguida.

— Virem o corpo dela — ordenou ele.

Os assistentes do legista viraram o cadáver rígido da garota, deitando-o de costas. Havia folhas e terra grudados no seu rosto, e o sangue seco parecia tinta marrom escorrendo do seu nariz. Mas o investigador não teve nenhum problema em reconhecê-la. O difícil para ele foi deixar as palavras saírem.

— É Karen Swenson — disse ele por fim.

— É uma identificação positiva? — perguntou um dos assistentes. *

— Ela estudou no segundo grau com meu filho — disse O detetive.

Sem dizer mais uma palavra ele se levantou, voltou-se e começou a caminhar em direção à sua caminhonete de tração nas quatro rodas.

— É da turma de 89, Detetive? — perguntou o legista, atrás dele.

O policial não respondeu. Só apressou o passo.

Isso não impediu o legista de gritar atrás dele:

— Está acontecendo tudo de novo, não é mesmo?

As palavras dele não eram uma simples provocação.

Era uma afirmação assustadora.

Capítulo 2

Dana Scully ficou em pé, observando o cadáver. Mas não era um corpo de mulher. Era o corpo pálido de um rapazinho. O rosto da agente não mostrava emoção alguma. Era como se estivesse olhando para uma beringela; afinal de contas tudo aquilo era parte do seu trabalho! Sem emoções!

Scully era uma linda moça, porém não tinha sido por sua beleza que conseguira aquele emprego, mas por causa de seu cérebro. Era extremamente viva e não tinha medo de mostrar sua perspicácia. Era o tipo perfeito de agente que o FBI estava procurando quando ela viera candidatar-se a uma vaga.

Sua tarefa mais recente no Bureau tinha sido como instrutora na Academia de Treinamento. Presentemente estava usando um cadáver para que as pessoas pudessem descobrir uma provável vítima de eletrocução. Falava de um modo bastante claro e dominava o tema com total desenvoltura, usando os termos técnicos pertinentes. Se os alunos não

conseguissem acompanhar, azar deles. Não iriam acabar mesmo sendo bons agentes do FBI.

— A eletrocução interrompe as batidas cardíacas e a maior parte dos sistemas motores. A morte ocorre por danos aos tecidos, no próprio coração e nas cavidades do nariz, assim como nos nós arterioventriculares. Todos temos a capacidade de conduzir eletricidade em diferentes graus; assim, por exemplo, eu talvez possa sobreviver a um raio enquanto outras pessoas podem não resistir sequer ao choque que levam ao colocar o dedo numa tomada elétrica. Durante a investigação, vocês deverão procurar por um ferimento arredondado e avermelhado...

Scully fez uma pausa, enquanto outro agente entrava na sala. Ela franziu a testa, porque não gostava de interrupções em suas aulas. Mas esqueceu-se disso quando leu a nota que o agente lhe entregara.

"Sua presença é exigida em Washington, às 16 horas em ponto. Entre em contato com o agente especial Jones."

Scully era uma garota bastante independente. Mas também sabia obedecer ordens, o que era outra coisa que a transformava no tipo de agente que o FBI apreciava bastante.

Precisamente às quatro horas da tarde Scully estava na sede do FBI. Ela mostrou o distintivo ao recepcionista e foi logo dizendo:

— Tenho hora marcada com...

— Agente Scully — interrompeu uma voz grave às suas costas.

A moça voltou-se e viu um homem enorme, de presença imponente. Parecia ter uns 50 anos ou pouco mais. Scully nunca o tinha visto antes, mas percebeu logo quem era ele.

— Jones — apresentou-se ele —. Siga-me. Estamos atrasados.

O agente foi na frente, por um longo e vazio corredor,

onde os passos dos dois ecoavam pelo piso de mármore frio. Scully quase teve de correr para poder acompanhar as passadas largas daquele homem enorme.

— Por acaso estou com algum problema? — perguntou ela.

— Vai ser entrevistada — respondeu Jones secamente —. E em nível bastante alto.

Jones a conduziu por um conjunto de grandes portas duplas, até uma sala de reuniões onde havia uma mesa oval. Os seis homens sentados ao seu redor tinham por volta de 60 anos de idade, mas Scully não precisava saber seus nomes para ver que se tratava de pessoas muito importantes. O poder fluía deles de forma natural.

Jones apontou uma cadeira para Scully e ficou em pé, atrás dela.

O homem que falou em seguida parecia ser o mais velho de todos, mas a idade não apagara a força do seu olhar. Scully podia sentir essa força penetrando em seus olhos, e pôde também notar que não havia fraqueza naquela voz. Era uma voz tão firme e tão fria quanto o aço.

— Agente Scully, obrigado por ter vindo — disse o homem —. Sua ficha mostra que está no Bureau há dois anos.

— Sim, senhor — disse Scully.

— Você não chegou a formar-se em Astronomia — continuou o homem — mas se formou em Medicina, porém não exerce a profissão e voltou à faculdade para estudar Física. Por favor, explique o seu interesse pelas diferentes matérias.

— Bem, é que eu venho de uma família de cultura livresca — brincou Scully —. Acho que a ciência foi a maneira que encontrei para mostrar minha rebeldia.

Scully viu que sua brincadeirinha não agradou, pois ninguém sorriu naquela enorme sala.

Dana pigarreou e continuou:

— Depois da faculdade de Medicina pensei em participar de um programa de pesquisas para o Instituto Nacional de

Ciências Espaciais. E achei que a Física seria importante para mim nessa atividade. Mas acabei entrando para o FBI e acabei me formando em Física na Academia do FBI.

Os homens que estavam à mesa folhearam os documentos guardados em grossas pastas de cartolina. Scully sabia que toda a sua vida estava ali, em preto e branco. Durante algum tempo, o único barulho que se ouviu foi o de papel sendo manuseado.

Em seguida, outro dos homens perguntou de chofre:

— Por acaso conhece um agente chamado Fox Mulder?

— Sim, conheço — o nome lhe era familiar.

— De que maneira o conhece? — perguntou o segundo homem.

— Pela fama — respondeu Scully —. Os outros agentes às vezes falam dele. Na Academia ouvi falarem do seu apelido, "Mulder o Estranho".

Jones interrompeu:

— Posso garantir que ele não merece essa fama. Mulder é um agente de extraordinária capacidade. Formou-se com mérito em Psicologia, em Harvard e em Oxford. Seus relatórios sobre assassinatos em série e as ciências do ocultismo nos ajudaram a solucionar um dos nossos casos mais complicados. Talvez ele seja o melhor analista de toda a nossa Divisão Criminal.

Foi tudo o que Jones conseguiu dizer, antes da áspera interrupção feita pelo primeiro dos interlocutores.:

— Infelizmente, por sua própria conta, o agente Mulder desenvolveu grande interesse por um projeto muito estranho. Na verdade, foi mais do que um grande interesse, eu chamaria de uma verdadeira obsessão. Por acaso já ouviu falar dos "Arquivos X"?

— Vagamente, senhor — respondeu Scully —. Acho que está relacionado com acontecimentos estranhos, com fenômenos inexplicáveis, não é?

— Não passam é de um montão de histórias de fantasmas — rosnou o segundo homem.

O mais velho lançou-lhe um olhar de reprovação para depois voltar-se para Scully.

— O agente Mulder insiste em passar o seu tempo de trabalho no Bureau investigando os casos que estão nesses arquivos. Recusa-se a ouvir as sugestões de que deve investigar outros tipos de ocorrências — o homem fez uma pausa para permitir que Scully assimilasse aquelas informações. Depois, continuou —. Srta. Scully, em vista de suas excelentes qualificações, vamos designá-la como assistente de Mulder nas investigações do Arquivo X. E pedir que nos escreva freqüentes relatórios sobre essas investigações. Queremos sua sincera opinião sobre o valor desse trabalho. Seus relatórios serão submetidos a este grupo, e apenas a *este* grupo.

Scully percebeu imediatamente o que eles queriam. Era um trabalho simples.

— Pelo que estou entendendo os senhores querem que eu desmascarar o projeto do Arquivo X, estou certa? — perguntou ela.

Houve um momento de silêncio.

Então o primeiro homem disse:

— Agente Scully, temos certeza de que fará uma análise científica apropriada. Se os seus relatórios lançarem dúvida sobre o Arquivo X, tudo bem. Estamos certos de poder usar os grandes talentos do agente Mulder em outras tarefas. E os seus também. Sua carreira vai progredir bastante... depois que o Arquivo X for encerrado.

O tom de voz dele era formal, sugerindo o fim da sessão de perguntas e respostas.

Scully sabia qual era a única coisa a dizer, e foi o que disse:

— Sim, senhor.

— O agente Jones lhe dará todas as informações necessárias — disse o primeiro homem.

— Estamos ansiosos pelos seus relatórios — disse o segundo homem —. Pelos seus *sinceros* relatórios, por isso

não economize palavras. Pode dar nome aos bois e pôr os pingos nos is.

Scully esperou até sair ao corredor com Jones, então perguntou:

— E daí? Como é de fato o tal do Mulder?

Jones balançou a cabeça e disse:

— Mulder? Brilhante. Muito brilhante. E também bastante independente. Muitas vezes torna-se uma pessoa muito difícil. Resumindo: é um sujeito estranho, para os padrões do FBI — Jones fez uma pausa, e então continuou — Ele vai saber *exatamente* o que você pretende fazer.

Scully fez a expressão mais inocente que conseguiu:

— Não pretendo fazer coisa alguma, senhor. Vou apenas obedecer ordens.

Capítulo 3

Scully esperava apenas uma coisa quando foi encontrar-se com Fox Mulder. Só esperava o inesperado. E não foi desapontada. O escritório de Mulder ficava no porão do edifício-sede do FBI. Nada escrito na porta. Se não fosse Jones levá-la até lá, nunca teria encontrado o lugar.

Jones bateu, mas não esperou por uma resposta para abrir a porta. Scully o seguiu.

Era diferente de todas as outras salas do FBI que ela conhecia. Havia prateleiras de livros em todas as paredes, do piso até o teto. Sobre as mesas, pilhas enormes de jornais velhos e montes de papéis, pastas e relatórios. Os documentos esparramavam-se pelo chão, juntamente com fotos de objetos fora de foco. Scully leu um pôster que estava na parede:

EU QUERO ACREDITAR

Mulder estava em pé ao lado da mesa, quando os dois

entraram. Estava examinando um *slide*, diante de uma luz forte. Relutou em tirar os olhos da foto para cumprimentar os visitantes.

Scully teve chance de dar sua primeira olhada em Mulder. Parecia difícil assimilar sua aparência. Era como se estivesse tentando juntar duas peças de quebra-cabeça que não combinavam de modo algum.

O rosto dele era jovem, quase infantil, para os padrões do FBI. Tinha os cabelos bem mais longos do que o Bureau apreciava. Talvez pudesse até conseguir trabalho como *veejay*, na MTV.

Exceto por seus olhos.

Havia algo matreiro e assombroso naquele olhar, como se ele soubesse de tudo. Um olhar vivo, arguto, que não perdia nada.

Mulder abriu um sorriso desconfiado de boas-vindas.

— Desculpem — disse ele —. Não há ninguém aqui, além dos menos procurados pelo FBI.

Jones respondeu indo direto ao assunto.

— Mulder, quero apresentar sua nova assistente, agente especial Dana Scully. Fox Mulder.

— Assistente? É bom saber que de repente estou sendo tão valorizado — e voltando-se para Scully disse: — Quem foi que você ofendeu para ser mandada para o porão, Scully?

Scully controlou-se. Ela já podia perceber que seria preciso toda a calma do mundo para conviver com Mulder. E mais ainda.

— Na verdade, estou ansiosa para trabalhar com você.

— É mesmo? — disse Mulder. E examinou o olhar dela com cuidado —. Pois eu tive a impressão de que você foi mandada aqui para me espionar.

O sorriso educado de Scully ficou amarelo.

— Se você desconhece as minhas qualificações profissionais, terei o prazer de apresentá-las todas — disse ela.

Mulder não se preocupou em responder, em vez disso

começou a mexer numa pilha de papéis. Finalmente ergueu uma pasta bastante grossa e leu o título:

— "O Paradoxo dos Gêmeos de Einstein. Uma Nova Interpretação". Tese defendida por Dana Scully. Isso é que é qualificação: re-escrever uma tese de Einstein!

— Por acaso você se deu ao trabalho de ler tudo? — perguntou Scully. Ela não conseguiu disfarçar o tom gelado de sua voz.

— Claro que sim — disse Mulder —. E gostei. O problema todo é que, na maior parte do meu trabalho, as leis da Física não funcionam de jeito nenhum.

— Você deve saber também que a agente Scully é médica — disse Jones — e é instrutora em nossa Academia.

— Sim, eu sei — respondeu Mulder —. Talvez ela nos possa dar sua opinião profissional sobre isto.

Mulder apagou a luz da sala e acendeu o projetor de *slides*. Colocou na bandeja a foto que estava examinando quando os dois tinham entrado, e projetou-a numa tela colocada na parede.

Scully viu o corpo de uma jovem morta, deitada de bruços na clareira de uma floresta.

— Oregon. Sexo feminino. Vinte e um anos de idade. Nenhuma causa explicável para a morte. Nada! — ele mostrou um segundo *slide* — Mas foram encontradas duas marcas distintas, na parte baixa de suas costas. Por acaso pode identificar estas marcas, dra. Scully?

Scully aproximou-se da tela para estudar cuidadosamente os dois sinais.

— Buracos de agulha, talvez — disse ela —. Ou possivelmente mordida de algum animal, ou a moça poderia ter sido eletrocutada.

— E como estão os seus conhecimentos de Química? — perguntou Mulder — Esta é a substância que encontraram no tecido dos ferimentos.

"Isso parece uma prova oral", pensou Scully, ao estudar a lâmina de microscópio com a amostra. Nunca mais vira uma lâmina daquelas, desde o seu primeiro ano de faculdade.

Ela mordeu o lábio, e disse:

— Não é material orgânico. Na verdade, é diferente de tudo que eu já vi. Seria algum tipo de proteína sintética?

Mulder deu de ombros.

— Sei lá. Nunca vi isso tampouco. Mas repare bem aqui. Veio de Sturgis, Dakota do Sul.

Ele colocou um novo *slide*. Desta vez era a foto de um motoqueiro, grande e gordo. Mas as marcas eram idênticas.

E um novo *slide* foi projetado. O corpo de um homem deitado sobre a neve, também de braços, apresentando as mesmas marcas.

— Shamrock, Texas — disse Mulder.

— Por acaso você tem alguma teoria? — perguntou Scully.

— Eu? Tenho sim, um monte de teorias — respondeu Mulder —. E talvez você também tenha uma teoria sua. Uma que explique por que o Bureau não quer me ouvir. E por que dão a estes casos o rótulo de "fenômenos inexplicáveis". A razão pela qual o Bureau acha que devem ser enterrados nos arquivos e esquecidos — Mulder interrompeu abruptamente o seu discurso e fez a Scully a pergunta mais difícil do dia —. Você acredita em seres extraterrestres?

Scully tentou ganhar tempo, em busca de uma boa resposta. E disse:

— Na verdade nunca pensei muito a respeito disso.

— Mas te pergunto isso como cientista — insistiu Mulder.

— Pela lógica, eu teria de dizer que não — disse Scully, num tom ainda hesitante. Teria de trabalhar com aquele sujeito. Portanto, não fazia sentido começar o relacionamento desentendendo-se com ele —. As distâncias que existem na

vastidão do espaço são grandes demais. Só a energia necessária para viajar por lá excederia a capacidade...

— Prefiro não ouvir você recitando matéria aprendida na escola — interrompeu Mulder —. Aquela garota do Oregon foi a quarta vítima de sua turma da escola a morrer em circunstâncias misteriosas. A ciência que nós conhecemos não consegue encontrar resposta. Portanto, não acha que devemos ir um pouco além? Será que não podemos considerar o elemento que chamamos de "fantástico"?

Scully tinha feito o possível e o impossível para manter a calma. Ela não era de falar em rodeios, gostava de entrar logo na briga, quando necessário.

— Se não se sabe como a garota morreu — disse ela —, é porque alguma coisa deixou de ser encontrada, durante a autópsia. Deve ter sido um *post-mortem* malfeito. E só tem uma coisa que eu aceito como fantástica: a idéia de que existem respostas além do âmbito da ciência. As respostas todas estão ali, só precisamos saber *onde* procurar.

Um sorriso de satisfação fez brilhar o rosto de Mulder.

— Agente Scully, fico feliz em saber que pensa assim — disse ele —. Tenho certeza de que o agente Jones aqui concorda com você, assim como todos os outros na escala de comando. Ei, é isso que quer dizer o "I", em FBI. Nosso negócio é *Investigação*. E acho melhor começarmos a investigar agora mesmo.

Mulder desligou o projetor de *slides* e acendeu a luz, depois disse, em tom alegre:

— Espero você aqui amanhã cedinho, Scully. Estaremos partindo para o Oregon às oito da manhã em ponto.

Capítulo 4

Na manhã seguinte Scully estava a bordo de um Boeing 747, voando para o Oregon. Tinha escolhido uma poltrona junto ao corredor do centro. Ao lado dela, Mulder tinha o corpo atravessado sobre quatro poltronas, e dormia a sono solto.

Scully estava com o seu Walkman ligado, escutando rock. Sobre seus joelhos tinha uma enorme pasta de papéis, mas não estava ouvindo a música, nem lendo. As letras das músicas ela havia decorado e os documentos também já tinha lido e relido. Tratavam das estranhas mortes de quatro jovens que se haviam formado na Escola de Segundo Grau de Bellefleur, em 1989. Mas poderia pensar mais sobre isso depois. No momento, o que tinha na mente era o encontro com seu namorado, Ethan Minette, na noite anterior.

Ethan não dera muita importância quando ela cancelou o encontro marcado para o fim de semana. Dana sabia que ele não se importaria, e mais, um dia acabaria fazendo a mesma

coisa com ela. Na verdade, já fizera isso muitas vezes antes, pois o trabalho vinha em primeiro lugar para ambos, especialmente para Ethan.

No entanto, ele dissera já ter ouvido falar de Mulder. Um ano antes, Mulder o Estranho tinha convencido um congressista de Iowa a pedir verba para uma pesquisa sobre Ovnis. E tudo acabara se transformando em uma grande piada em Washington. Ethan sabia de tudo sobre esse tipo de coisa. O trabalho dele era fazer pressão nos ouvidos dos congressistas, e algumas vezes até torcer o braço deles para que votassem do jeito que os patrões de Ethan queriam. O salário era excelente, e ele trabalhava dia e noite. Saía com Scully sempre que tinha um tempinho livre, desde que ela pudesse acomodar sua própria agenda, bastante cheia. Eram namorados nas horas vagas. O máximo que Scully podia dizer a respeito era que seu namoro era melhor do que nada.

Era fácil parar de pensar em Ethan. Longe dos olhos, longe do coração. Mas ela não conseguia deixar de lembrar a sua última conversa com Jones.

Depois de sair da sala de Mulder, Scully tinha perguntado a Jones:

— Por que insistem tanto em ir atrás de Mulder?

— Eles têm suas razões — respondeu Jones.

— E por que foi que escolheram a mim?

— Na verdade, *eu* escolhi você — disse Jones.

Scully continuou perguntando:

— Então, por que foi que você me escolheu?

— Porque sabia que você seria... justa.

Jones não disse mais nada, mas o seu olhar para Scully foi muito eloquente. Dizia que ele esperava de Scully um relatório sincero sobre Mulder. E também dizia que suas idéias sobre Mulder eram diferentes das idéias dos velhos da alta cúpula do Bureau.

Scully olhou de lado para Mulder. Dormindo, ele parecia

tão inocente e bonzinho como um bebê. Seria ele um gênio em dificuldades ou um maluco criador de casos? Ela teria de esperar para ver.

De repente, acendeu o aviso para apertar os cintos. A voz do comandante fez-se ouvir nos alto-falantes:

"Senhoras e senhores passageiros, por favor apertem os cintos de segurança, pois vamos começar a descida para..."

Foi só isso que ele disse. A voz do comandante desapareceu, no mesmo instante em que um inesperado balanço sacudiu o avião. Era como se o aparelho tivesse sido atingido pelo soco de um punho gigantesco. Os porta — bagagens abriram-

se, objetos caíram sobre os assentos. As luzes da cabina piscaram e o som das turbinas silenciou. O choro e os gritos dos passageiros encheram a cabina escura, quando o avião iniciou um mergulho.

"Não entre em pânico", disse Scully consigo mesma. Ela baixou os olhos e viu que suas mãos estavam agarradas aos braços da poltrona.

De repente as luzes acenderam-se de novo, as turbinas voltaram a zumbir lá fora e Scully viu Mulder abrir os olhos e dar um sorriso cheio de felicidade.

— Acho que chegamos — disse ele.

Mulder sorriu de novo ao entregar a Scully as chaves do carro alugado.

— Se você não gostou do vôo que acabamos de fazer — disse ele a Dana —, com certeza não vai gostar do jeito que eu dirijo.

Scully não criou caso. Sentou-se ao volante e deu partida. Dirigiu o carro pela estrada de acesso ao aeroporto e saiu pela rodovia asfaltada.

Ao lado dela, Mulder colocou um par de óculos de sol. Ligou o rádio do carro e girou o botão da sintonia para um lado

e para outro. Quando encontrou uma emissora que lhe agradava, abriu um saquinho branco de papel e ofereceu a ela:

— Sementes de girassol?

— Não — respondeu Scully —. Não posso comer isso quando estou dirigindo.

— Eu seria capaz de morrer por elas — disse Mulder, rindo —. Força de expressão.

— Estive lendo aqueles relatórios — disse Scully, com os olhos fixos na estrada —. Você não disse que o FBI já havia investigado este caso.

— O FBI investigou as primeiras três mortes — reconheceu Mulder —. Mas suspenderam as investigações. Por falta de provas; foi o que disseram eles.

Scully não podia ver os olhos dele por trás dos óculos escuros, mas tinha certeza de que eles estavam quase fechados de raiva.

— Claro que você acredita em uma conexão entre a morte da garota e a dos três colegas de classe dela — disse Scully.

— E uma suposição razoável — disse Mulder —; só há uma pequena diferença. A garota foi a única a apresentar as estranhas marcas nas costas e as amostras de tecido não identificado.

Scully balançou a cabeça. Lembrou-se dos relatórios que tinha lido no avião e disse:

— A garota também foi a única do grupo cujo cadáver foi autopsiado por um outro legista.

O rosto de Mulder pareceu acender-se.

— Muito bem, Scully! Bem melhor do que eu pensei que você seria.

— Ou talvez um pouco melhor do que você esperava — disse ela.

— As limitações da ciência muitas vezes produzem cientistas limitados — respondeu Mulder.

— Espero que essas palavras tenham um gosto tão bom quanto as suas sementes de girassol — replicou Scully.

Mas Mulder não estava ouvindo. Estava curvado sobre o rádio do carro.

Elvis tinha acabado de cantar. Em lugar da música, agora se ouvia um zumbido forte que chegava a doer nos ouvidos. Irritante. Scully nunca ouvira coisa parecida.

— Pare o carro! — gritou Mulder — Pare o carro!

Scully apertou com força o pedal do freio. O carro parou com tamanha violência que até a tampa do porta-malas abriu-se sozinha.

No mesmo instante Mulder saiu porta afora, correu para trás do carro, curvou-se sobre o porta-malas e tirou alguma coisa de lá. Scully ficou ali parada, boquiaberta.

Mulder tinha na mão uma lata de tinta *spray*.

Tinta *spray* alaranjada.

Mulder voltou uns dez metros pela estrada, e ali pintou um enorme X alaranjado sobre o asfalto.

— Que diabo foi aquilo que você fez? — perguntou Scully assombrada, quando Mulder voltou para o carro.

— Talvez nada — respondeu ele, dando de ombros. Então olhou bem para Scully e acrescentou: — Por outro lado, nunca se sabe, não é verdade?

Scully tinha de concordar com isso.

Claro que ela não entendia coisa alguma do que acontecia à sua volta. Não tinha a mínima idéia sobre o que passava pela cabeça de Mulder, nem podia imaginar o que estava esperando por eles lá adiante, na estrada.

Capítulo 5

A placa colocada à beira da estrada dizia, em letras garrafais: BEM-VINDO A BELLEFLEUR — A CIDADE AMIGA. Mas os habitantes do local não entendiam a própria mensagem.

A multidão formada na frente do Centro Cívico da cidade parecia pronta a apedrejá-los.

— Era isso que eu temia — disse Mulder.

— O que está acontecendo? - perguntou Scully.

— Mandeí um fax para o legista daqui — disse Mulder —. Informei sobre a nossa chegada.

— Só isso? — perguntou Scully — Por acaso essa gente tem alguma coisa contra o Bureau?

— Eu também informei que vínhamos para investigar as mortes dos outros jovens da mesma classe — explicou Mulder.

E não disse mais nada. A multidão foi quem falou quando Scully e Mulder desceram do carro.

— São do FBI? — gritou um homem de meia-idade — É melhor não se meterem na nossa vida!

— Que direito vocês acham que têm? — perguntou uma mulher, gritando com toda a força dos pulmões — Os mortos são nossos filhos e filhas!

— Essas pessoas já sofreram o bastante com a morte dos seus filhos — disse um sacerdote.

Um homem bem vestido, com ar de autoridade, agitou-se:

— Um homem já foi julgado pelos crimes! Foi considerado culpado e sentenciado! Não há mais nada naquelas sepulturas que justifique renovar nosso sofrimento!

Nada disso tirou a calma do rosto de Mulder. Scully já estava começando a ficar cansada daquele sorriso. Era o sorriso de alguém que sabe alguma coisa que não se sabe. Na opinião dela, era o sorriso de alguém que estava procurando encrenca.

Mulder continuou sorrindo quando um policial impediu-lhes a passagem.

— Agente Mulder — disse ele —, estes documentos são para o senhor. O povo de Bellefleur conseguiu uma ordem judicial contra as suas atividades aqui.

Mulder apanhou os papéis, examinou-os um por um e deu de ombros.

— Espere aqui, enquanto eu dou uma chegada até o laboratório do legista — disse ele a Scully.

— Muito obrigada — disse ela com ironia, quando ele se voltou e entrou num dos prédios.

Scully teve de ficar ali, ouvindo os gritos da multidão. Agora entendia como se sente o juiz de futebol que apita um pênalti contra o time da casa.

O encontro de Mulder com o legista não foi muito melhor. Talvez menos tenso, mas não foi mais amigável.

— Doutor Truit? — perguntou Mulder.

— Sim, eu mesmo, — respondeu o legista. Sua voz era

fria e o olhar gelado. Do seu lado, os dois assistentes encaravam Mulder com a mesma frieza no olhar.

— Sou o agente especial Mulder, do FBI — disse Mulder —. Conversamos por telefone. Quando poderemos começar a trabalhar?

— Bem, em vista da ordem judicial, não há muito que possamos fazer — disse Truit, com um ar triunfante.

— Entendi — disse Mulder —. Mas vou precisar ter acesso a uma sala de autópsia e ajuda de alguém que trabalhe no seu laboratório.

— Talvez eu deva colocar as coisas de maneira mais clara — disse Truit —. Talvez esta seja uma cidadezinha sem importância para o senhor. Mas por aqui nós obedecemos. Bem que eu gostaria de poder ajudá-lo, mas não vou.

— Tenho uma boa notícia — disse Mulder —. Vocês poderão ajudar. Estamos interessados em três casos, e há ordens judiciais apenas para dois deles. Portanto, está faltando alguém, certo?

Truit ficou em silêncio.

— Sou do FBI — lembrou Mulder —. Eu represento a lei.

— Deve ser o Ray Soames — disse o legista, relutante.

— Por que a família dele também não foi à justiça para impedir a exumação do corpo? — perguntou Mulder.

— Porque a família de Ray Soames desapareceu daqui há três anos — disse Truit.

— Desapareceu? Assim, sem mais nem menos? — indagou Mulder.

Mas Mulder já conseguira tudo o que Truit estava disposto a dizer. Os lábios do legista se fecharam bem apertado. Mas Mulder não ligou. Já obtivera o suficiente para começar a trabalhar. Um nome: Ray Soames. Despediu-se com um sorriso, ao que não foi correspondido por Truit e seus assistentes.

— A multidão deu muito trabalho? — perguntou Mulder a Scully, ao sair do edifício.

— Trabalho? Claro que não. É a maneira desta gente manifestar sua hospitalidade... gritando a plenos pulmões — disse Scully —. E você? Sempre chega às cidadezinhas como o Príncipe das Trevas?

— Não gosta do meu estilo? — perguntou Mulder, caminhando na direção do carro.

— Viemos aqui para investigar um possível assassinato — retrucou Scully —. Como espera conseguir a cooperação do povo da cidade?

O sorriso irritante voltou ao rosto de Mulder.

— O que esperava, Scully? Bandas marciais com desfile e tudo? O FBI não conseguiu nada com seus métodos acadêmicos. Se você não gosta do modo como eu trabalho, pode fechar seu relatório e acabar comigo. Não foi isso que te mandaram fazer?

— Estou aqui para ajudá-lo a fazer um trabalho — retrucou Scully.

— É mesmo? — perguntou Mulder, levantando as sobrancelhas — Verdade mesmo?

Scully escapou de ver-se obrigada a inventar uma boa resposta quando um homem alto, de rosto vermelho, aproximou-se deles.

— Com quem vocês pensam que estão falando aqui? — foi ele gritando.

— Depende — disse Mulder —. Quem é o senhor?

— Doutor Jay Nemman — anunciou o homem.

— Diretor do Instituto Médico Legal — disse o agente.

Scully tinha de admitir: Mulder tinha feito sua lição de casa.

— Isso mesmo — resmungou o homem —. Por acaso está me acusando de ter esquecido alguma coisa nas autópsias daqueles jovens?

— Não senhor — garantiu Mulder —. Estamos

realizando uma investigação paralela. Não queremos pisar nos calos de ninguém.

— Sei... — disse Nemman, desconfiado — Só quero que se lembrem de que eu me encarregarei de qualquer investigação que estejam pretendendo fazer nesses cadáveres. Vocês estão em meu território.

— E como foi que não fez a autópsia no último caso, o de Karen Swenson? — perguntou Mulder.

— Eu estava de férias e... — começou Nemman.

— Desculpe — interrompeu Mulder —. Trata-se de um assunto de interesse federal agora. A dra. Scully é quem vai fazer todas as investigações *post-mortem*.

— Escute — rosnou o médico —. Se vocês pensam que vão fazer os pais desses garotos passarem por todo aquele sofrimento de novo...

Dizendo isso ele empurrou Mulder contra o carro e ergueu a mão enorme, com o punho cerrado.

Scully não sabia se Mulder era bom de karatê, mas ela era. Seu corpo ficou tenso, preparada para dar o golpe... mas relaxou em seguida.

— Papai, pare! — disse a voz de uma jovem — Por favor, vamos para casa!

A súplica vinha de um automóvel parado pouco à frente do carro dos agentes. A garota sentada no banco da frente tinha o rosto pálido e os cabelos em desalinho. O olhar era sombrio, e parecia assombrado pelo mesmo pavor manifestado por sua voz.

O dr. Nemman continuava de olhos arregalados para Mulder, mas voltou para seu carro, entrou e saiu queimando pneus.

— Cara legal — disse Mulder —. Pele queimada. Linda filha — ele abriu a porta do carro e perguntou: — Vamos até o cemitério, Scully?

— Sim — respondeu Scully —. Espero que não estejamos cavando nossas próprias sepulturas.

Capítulo 6

Truit não parecia muito disposto a mandar cavar a sepultura de Ray Soames. Mulder teve de usar de toda a autoridade que o FBI lhe conferia para que o legista desse a ordem. Acompanhados de um policial local e de um coveiro, Truit e seus assistentes entraram em ação. Ao cavar, o homem transpirava por todo o corpo. O sol estava muito quente no Oregon e o ar do meio-dia, carregado de umidade. O cemitério Hillside, de Bellefleur, parecia uma verdadeira sauna.

Mas Mulder não parecia incomodar-se com nada. Mastigava suas sementes de girassol enquanto observava a terra preta voar. Para Scully, ele parecia um camelo ruminando.

— Isto é uma perda de tempo... e de suor — reclamou ela —. E esse tal de Danny Doty? Foi condenado por uma das mortes. Não poderia ser responsável por todas elas?

— Danny Doty entregou-se à polícia — disse Mulder — dizendo que matou os três. O problema é que a polícia só

conseguiu ligá-lo a um dos cadáveres. Mesmo assim, não havia muitas provas contra ele. Só uma coisa insignificante, e muita adivinhação. Se o sujeito não tivesse confessado, teria saído livre. Mas todo o mundo estava tão desesperado em busca de um assassino, que a palavra dele foi tomada como juramento sobre a Bíblia. A cidade inteira quer acreditar que Danny matou os outros também... para pôr uma pedra sobre o episódio e continuar sua vida.

— É o que você diz — protestou Scully —. Mas por que o homem teria confessado se não cometeu os crimes?

— Isso acontece o tempo todo. Há pessoas que gostam de ser vistas como assassinos — disse Mulder. Ele mastigou mais uma semente de girassol e cuspiu a casquinha —. Mas Danny está numa prisão a uns cem quilômetros ao norte daqui. Não custa a gente ir lá perguntar a ele.

— E de que vai adiantar isso? — perguntou Scully, fazendo careta —. Ouvir mais coisas para você duvidar? Talvez ele confesse que matou a última vítima também, até pode dizer que passou por entre as barras de aço e foi matar a moça,

— Nunca menospreze o que pode dizer um homem condenado à prisão perpétua — disse Mulder.

Scully observou o caixão sendo erguido da sepultura aberta.

— Esse caixão vai falar mais do que vamos ouvir deste sujeito aqui — comentou ela.

Mas a cova parecia não querer deixar o caixão subir. Várias raízes o estavam prendendo lá embaixo. A corda esticou e quase arrebentou pelo esforço feito. Scully percebeu que estava prendendo a respiração enquanto o esquife era erguido no ar, e ficou paralisada como uma estátua, assim como os demais, quando a corda partiu-se.

O esquife caiu e bateu violentamente no chão e começou a escorregar colina abaixo. Uma lápide coberta de musgo o fez parar.

Mulder foi na direção do caixão, com Scully acompanhando-o de perto e, a uma distância, o legista e seus assistentes.

A tampa tinha ficado meio aberta. Ansioso, Mulder estendeu a mão para abri-la de uma vez.

Scully curvou-se para a frente para ver melhor, afinal era médica e aquilo fazia parte do seu trabalho. Na sua opinião, uma pessoa sem estômago para esse tipo de coisas devia estar numa profissão diferente.

— Pare! — ordenou Truit — Esse não é o procedimento oficial.

— Sim, claro. Prometo ao senhor que vou estudar o manual antes de ir dormir esta noite — disse Mulder.

Devagar, com todo o cuidado, ele ergueu a tampa do caixão.

Scully olhava por cima do ombro dele enquanto a tampa subia.

— Uuuhhhh! — ela não conseguiu impedir que aquele som saísse de sua garganta. E não conseguiu impedir o suor frio de correr por sua espinha.

Não adiantou muito ver a expressão de Mulder.

Ele demonstrava a mais completa felicidade, como se tivesse tirado a sorte grande.

— Acho que Ray Soames não serviria para a equipe de basquete do colégio — disse ele num típico comentário de humor negro.

A figura no caixão estava vestida com cetim branco, embolorado. Era do tamanho de uma criança pequena, com uma cabeça enorme que se parecia com bola de futebol. A pele era como se fosse de couro marrom, enrugado.

— É... humano? — perguntou Scully, ofegante. Era tão assustador que ela nem sabia se queria mesmo ouvir uma resposta.

— Nunca pensei... — começou o legista, antes de perceber que nada tinha para dizer.

— Lacrem o caixão — ordenou Mulder —. Ninguém deve ver nem tocar nisso. Ninguém!

Mas Scully sabia que não era o que Mulder queria dizer.

O que estava dizendo, nas entrelinhas, é que *ninguém*, exceto *ele próprio*, iria ter a alegria de examinar aquilo. Com Scully do lado, claro.

O legista mostrou-se mais do que feliz em ceder uma sala só para eles no laboratório.

E não se importou quando Mulder ordenou que ninguém deveria ter acesso à sala, a não ser ele próprio e Scully.

— A criança é toda sua... e pode ficar com ela — disse Truit, pouco antes de Mulder bater com a porta em sua cara.

Não contente, Mulder ainda trancou a porta por dentro.

— Vamos ver o que você aprendeu na escola — ele disse a Scully.

— Não se preocupe — respondeu Scully —. Já examinei cadáveres antes, sabia?

— É mesmo? — perguntou Mulder — Algum parecido com este?

— Cadáveres são cadáveres — disse Scully.

— É o que você vai descobrir, irmãzinha.

— E vou mesmo — respondeu Scully —. Espere um instante até eu ligar o gravador. Quero gravar toda a investigação.

— Para a posteridade? — perguntou Mulder — Ou para ilustrar o seu relatório para os chefões?

— Digamos que é para ambos — respondeu ela —. E talvez até para você mesmo, parceiro.

— Tudo bem — disse Mulder —, você faz o exame e vai falando. Eu tirarei as fotos.

Ele tirou do bolso uma pequena câmara Polaroid. Foi

andando ao redor do cadáver, batendo fotos de todos os ângulos, enquanto Scully começava o trabalho.

— O corpo tem cento e cinquenta e seis centímetros de comprimento — disse ela no microfone do gravador —. Pesa vinte e cinco quilos. Está em adiantado estado de decomposição. Apresenta grandes cavidades oculares e o crânio achatado. Estas características indicam que o cadáver não é humano.

— Ora, agente especial Scully. O que mais poderia ser, senão humano? — interrompeu Mulder, sarcástico.

Scully manteve a calma na voz.

— É algum tipo de mamífero. Suponho que pode tratar-se de um membro da família dos macacos. Talvez um chimpanzé.

— Por que não diz isso ao povo da cidade? Ou para a família Soames? — disse Mulder. Seus olhos transbordavam alegria. E a câmara não parava de tirar fotos. E continuou — Quero amostras do tecido e Raios X. Exame de sangue, exame toxicológico e um completo histórico genético.

— Está falando sério? — perguntou Scully, embora sabendo que fosse uma pergunta boba.

— O que não for possível fazer aqui, mandaremos fazer fora — disse Mulder.

Scully não conseguiu controlar-se mais.

— Acha mesmo que estamos diante de algum tipo de alienígena vindo do espaço? Olhe, eu tenho certeza de que alguém está morrendo de rir de nós dois agora mesmo. A mesma pessoa que tirou o corpo de Ray Soames e pôs este macaco no caixão. Estamos jogando fora o nosso tempo.

Ela estava jogando fora suas palavras.

— Pode tirar os Raios X agora? — pediu Mulder.

Scully levantou a voz. Ia fazer Mulder ouvir os seus argumentos, nem que tivesse de morrer rouca. E disse:

— Alguém está brincando com você, Mulder. Quem

matou aquela garota ainda está solto por aí e pode matar de novo. Sem problemas, e a qualquer momento!

— Tem razão — disse Mulder —. E é melhor tratarmos de impedi-lo, agora mesmo — olhou para o relógio —. São pouco mais de dez horas. Podemos colocar os revólveres na cintura e sair por aí, tentando encontrar o assassino que o FBI deixou de procurar há vários anos. Um criminoso que ninguém mais está procurando. Por outro lado, podemos continuar sendo dois bobocas, podemos realizar uma investigação verdadeiramente científica do cadáver. E podemos esclarecer todas as dúvidas quanto a quem ou o que esta coisa pode ter sido — ele parou. Sua expressão praticamente implorava a Scully que ouvisse os seus argumentos —. Olhe, Scully, eu não sou louco. Tenho as mesmas dúvidas que você tem. Que tal me ajudar a tirar todas elas?

Capítulo 1

Ao amanhecer, no dia seguinte, Scully estava no seu quarto de hotel. Mas o trabalho ainda não havia acabado. As radiografias da misteriosa criatura estavam grudadas no abajur. Ela olhou uma vez mais para elas. Aí abriu o seu computador *laptop* e apertou a tecla *play*, no gravador portátil.

Ouviu sua própria voz gravada e começou a redigir o seu relatório. *Os Raios X confirmam que a criatura é um mamífero. Mas não esclarecem o porquê de um pequeno implante em sua cavidade nasal. É um objeto metálico, cinzento, com quatro milímetros de comprimento. Ainda não sei do que se trata.*

Scully parou de escrever, desligou o gravador e levantou-se para dar uma nova olhada no objeto encontrado no cadáver.

O pequeno cilindro metálico estava em um tubo de ensaio. Scully observou-o com cuidado, mas ainda não tinha idéia do que se tratava. Quem sabe Mulder soubesse e não quisesse lhe dizer o que era. E agora ela não estava disposta a

ouvir suas idéias malucas, talvez porque lhe parecessem cada vez mais convincentes. Se ela não se cuidasse, logo acabaria tão maluca quanto ele.

Alguém bateu à porta.

Era Mulder.

Estava usando um par de shorts desbotados e uma camiseta branca, com um pequeno buraco no ombro e trazia na cabeça um boné com o logotipo "Brooklin Dodgers", virado para trás. No rosto, um sorriso dos mais brilhantes.

— Estou ligado demais para dormir — disse ele —. Vou correr um pouco. Quer vir também?

— Acho que não — disse Scully.

— Por acaso descobriu o que era aquele negócio que o nosso amigo tinha no nariz? — perguntou ele, com ar de provocação.

— Não — retrucou Scully —. Mas não vou perder o sono por causa disso.

Mulder deu de ombros e entregou a Scully um pedaço de papel, dizendo:

— Este recado estava na recepção do hotel.

Scully ficou olhando enquanto ele se afastava, correndo. Seus movimentos eram suaves e coordenados, como se estivesse flutuando. O ar ainda estava fresco, mas já era possível sentir a chegada do calor. O clarão no céu já começava a mudar, de alaranjado-claro para azul. Ia ser outro dia muito quente.

Scully fechou a porta e olhou para o papel. O recado dizia que Ethan havia telefonado e pedia que ela ligasse de volta.

Scully discou o número de Ethan em Washington, D.C., muito embora soubesse que ele não ia gostar nem um pouco de receber seu telefonema tão cedo. Mas Scully precisava falar com alguém que nada tivesse a ver com aquele caso. Alguém, qualquer pessoa que não acreditasse em invasores vindos do espaço.

Ethan atendeu ao primeiro toque. Mas, pela voz, não parecia estar muito contente.

— Alô?

— Sou eu, Dana, — disse ela —. Desculpe por ter ligado tão cedo.

— Eu já estava acordado — resmungou Ethan —. Alguém ligou aqui há alguns minutos e desligou na minha cara.

Scully sorriu consigo mesma, pois só poderia ter sido Mulder. Estava investigando sua vida, por ainda não confiar nela. Na verdade, não devia confiar mesmo. Ela ainda tinha uma coisa a fazer, precisava investigar a vida *dele*. Que bela equipe de parceiros. Cada um espionando a vida do outro.

— Não está começando bem o dia — ela disse a Ethan.

— Eu que o diga — concordou Ethan —. Afinal, que horas são?

— Aqui são cinco — disse Scully —. Quer dizer que aí são oito horas.

— Por que se levantou tão cedo? - perguntou Ethan — Os passarinhos cantam alto demais por aí?

— Na verdade, nem fui dormir ainda — explicou ela —. Trabalhei a noite inteira e recebi agora seu recado. Achei que poderia ser alguma coisa importante.

— Não. Só liguei para bater um papinho — disse Ethan. Scully ouviu quando ele bocejou.

— É? Bom... — Scully percebeu que não tinha muito a dizer. Não era a primeira vez que pensava isso. Algo lhe dizia que seu relacionamento com Ethan não tinha um futuro muito longo pela frente.

— Ei, o sujeito com quem está trabalhando deve estar escravizando você. Como é que ele chama? Estranho de quê?

— É. Isso mesmo. Estranho — disse Scully. O telefone estava ficando pesado em sua mão, sentiu vontade de desligar na cara dele.

— E aí? Já encontraram algum homenzinho verde? — perguntou Ethan.

— Bom, para dizer a verdade... — respondeu ela, olhando

para as chapas de Raios X e o objeto no tubo de ensaio.

Mas não terminou a frase. Já dava para imaginar a reação de Ethan: as sobrancelhas arqueadas, um dedo batendo na testa. E ela não poderia esperar outra coisa, pois teria reagido do mesmo modo, dois dias antes. Como sua vida havia mudado em tão pouco tempo de trabalho com Mulder! Só uns dois dias vendo o mundo pelos olhos dele, e já se perguntava se seria capaz de ver as coisas do jeito que via antes.

— Bom, vê se não deixa que eles joguem aquela meleca verde em você, tá bem? — disse Ethan, antes de bocejar outra vez — E não permita que o Estranho a faça de escrava. Ameace mandá-lo para o hospício...

— Bom, eu não sei se ele... - começou Scully. Mas Ethan a interrompeu.

— Olhe, eu gostaria de falar mais com você, mas vou ter um dia muito cheio hoje. Conversamos depois, tá?

— É, depois — disse Scully, embora ele já tivesse desligado. Aí, desligou também.

Balançando a cabeça, ela voltou às radiografias. Por que alguém teria um implante de metal no nariz? Não fazia o menor sentido. E, se fizesse, então tudo aquilo em que ela acreditara até então perderia o sentido.

Alguém bateu na vidraça da janela.

Ela viu o rosto alegre de Mulder, suando, do lado de fora.

Abriu a janela.

— Devia ter vindo comigo — disse Mulder —. Uma corrida é ótimo para despertar a gente. Vou tomar um banho frio e estarei pronto num minuto.

Scully suspirou e disse:

— Vou recusar de novo. Prefiro um banho *quente*... e um longo cochilo.

— Ah, vamos lá — insistiu Mulder —, Não vai querer perder esta chance. É uma oportunidade e tanto. Quantas vezes já conversou cara a cara com um assassino?

Capítulo 8

Danny Doty era um rapaz pequeno, porém a penitenciária não queria correr riscos com ele. Tinha os pulsos presos por um par de algemas e nos tornozelos colocaram anéis de ferro, ligados entre si por uma corrente curta. Só conseguia dar os passos pela metade, quando os guardas o trouxeram para a sala de visitaç o.

— Pode deixar-nos a s s com ele — Mulder disse aos guardas.

— Estamos avisando — disse um deles —. Este sujeito   perigoso.

— Pode não parecer — disse o outro —. Mas   um assassino.

— Além disso, está meio fora do sério — disse o primeiro —. Sabe? Não   muito certo da bola.

— Tudo bem — assentiu Mulder —. A gente se vira com ele, somos do FBI.

O primeiro guarda lançou um olhar de d vida para Scully.

- Não se preocupe com ela — disse Mulder —. E faixa preta de karatê.

O segundo guarda encolheu os ombros e disse:

— Se é assim... vocês quem sabem.

Os dois guardas saíram da sala de visitaçào.

— Na verdade, é só faixa marrom que eu tenho — cochichou Scully a Mulder.

— E quem é que vai saber? — perguntou Mulder — Além disso, Danny não vai nos dar trabalho, vai Danny?

Danny não respondeu, mas o brilho nos olhos dele fez com que Scully sentisse arrepios. Os guardas não estavam brincando, aquele sujeito realmente não era muito equilibrado.

Mas Mulder olhava para ele como se fosse um irmão que reencontrava, depois de longos anos.

— Oi, Danny — disse ele, com uma voz amigável.

— Oi, pessoal — respondeu Danny —. Vieram me visitar? Não recebo muitas visitas. O Danny aqui não é muito popular, é como se tivessem me colocado na cadeia e jogado a chave fora, me arquivaram e me esqueceram, cara! Mas tá tudo legal comigo. Uma coisa eu sei sobre a cadeia. É um lugar seguro, cara, tão seguro quanto uma sepultura. Até melhor, porque é mais quente!

Havia três cadeiras na enorme sala, branca e vazia. Mulder e Scully estavam sentados lado a lado, com Danny de frente para eles.

— Danny, sou do FBI. Sou o agente Mulder, e esta é...

— Ei cara, eu sei por que vocês estão aqui — interrompeu Danny —. Apagaram Karen Swenson.

— Você conhecia Karen? — perguntou Mulder.

— Claro, claro — disse Danny —. Era uma boa garota. Mas sabe como é, tinha de acontecer. Era apenas uma questão de tempo. Aposto que fizeram o trabalho direitinho — ele riu —. Um trabalho dos mais caprichados.

— Quem são "eles"? — perguntou Mulder, curvando-se para a frente.

Danny olhou para cima, deixando ver apenas a parte branca dos olhos. Depois arregalou-os para Mulder.

— Eu falei "eles"? Pois me enganei. Na verdade, eu fiz o trabalho. Daqui de dentro, por telepatia. Sabe? Foi moleza! Eu só pensei: "Karen, gatinha, você está morta". E pronto, ela apagou. Mas não se preocupe. Estou disposto a pagar pelo meu crime. Podem me dar uma pena de prisão perpétua, cara. Tudo bem.

Danny explodiu numa louca gargalhada.

Mulder nem piscou.

— O que você sabe sobre estas marcas nas costas de Karen Swenson? — perguntou ele, mostrando uma foto a Danny.

— A mordida da cobra de Cleópatra — respondeu Danny —. Isso mesmo. Tinha de ter essas marcas para poder entrar para o clube.

— Verdade? — disse Mulder —. E que clube é esse?

— Que clube acha que é, sr. FBI?

— E Ray Soames? Era membro do clube? — perguntou Mulder.

— Ray Soames? — Danny ergueu as sobrancelhas. Aí sua expressão voltou ao normal —. Ah, sim, o amiguinho Ray. Claro. Ele tinha, como se diz, título familiar.

Outra vez ele explodiu na gargalhada.

Mulder virou-se para Scully e perguntou:

— Tem alguma pergunta para Danny?

Ela respondeu:

— Não, você está fazendo um bom trabalho. Dá para ver que você e Danny têm muita coisa em comum.

Mulder voltou-se de novo para o prisioneiro e disse:

— Olhe, Danny, queremos ajudar você.

— Cara, preste atenção: eu não quero ajuda! — disse Danny, enfático. E não havia nada de louco na sua voz —. Sou

culpado, entendeu? Culpado, culpado, culpado! Não quero sair daqui! Gosto destas paredes enormes ao meu redor. Não posso sair. Mas, em compensação, *nada* pode entrar. De jeito nenhum eu gostaria de estar no lugar de Billy Miles. De jeito nenhum mesmo, cara!

— Quem é Billy Miles? — perguntou Mulder.

— Billy? — disse Danny — Pensei que o mundo inteiro conhecesse Billy. E o capitão do time. Claro que não está comandando mais nada agora, desde que foi internado na casa de loucos.

O Hospital Psiquiátrico Estadual ficava perto de Bellefleur. Era um bonito prédio branco, cercado por um gramado verde, muito bem cuidado. Parecia uma instituição de primeira classe.

O diretor do hospital, dr. William Glass, também parecia ser de primeira classe. Tinha uma expressão inteligente, modos educados, com respostas claras, e era a única pessoa em Bellefleur que não demonstrava hostilidade em relação àquela investigação. Parecia interessado em ajudar.

— Sim, Billy Miles é nosso paciente — disse ele a Mulder e Scully —. Já faz três anos que está internado aqui.

— E o senhor é seu médico? — perguntou Mulder.

— Sim, sou o supervisor do seu tratamento — explicou Glass.

Mulder continuou:

— Ele se formou na turma de 89. O senhor sabe o que aconteceu com vários estudantes da mesma turma?

A expressão do psiquiatra tornou-se sombria.

— Tenho visto diversos deles com o passar dos anos, inclusive Danny Doty.

— E por que motivo os examinou? — perguntou Mulder.

— Infelizmente não posso falar sobre os problemas deles — disse Glass —. Problema de ética médica.

Mulder balançou a cabeça e concordou:

— Claro, claro. Mas não pode ao menos falar em termos gerais?

— Bem, acho que sim — disse o médico —. Posso lhe dizer que todos sofriam do mesmo problema.: estresse pós-traumático. Reação por causa de um choque horrível.

— Que tipo de choque?

— Não faço a mínima idéia — confessou o médico —. Acho que nem os garotos sabiam. Mas uma coisa é certa: fosse o que fosse, abalou a todos eles, dos pés à cabeça. Confundiu o cérebro deles.

Scully preferia ficar de fora daquele interrogatório. O trabalho dela era observar a maneira como Mulder agia, porém não conseguiu resistir a uma pergunta

— O senhor acha que Danny Doty matou os seus colegas de turma?

— Prefiro deixar essas coisas para a polícia e a justiça — respondeu cuidadosamente o médico, sem querer envolver-se.

— Mas o senhor deve ter ao menos uma opinião — insistiu Scully.

— Meu trabalho resume-se a curar a mente — explicou o psiquiatra —. Não compete a mim colocar ninguém na cadeia.

— Para a cura da mente, o senhor por acaso tentou a hipnose? — interrompeu Mulder.

O médico forçou um sorriso amarelo, e respondeu:

— As pessoas aqui não confiam na psiquiatria. Fariam uma revolução se eu tentasse algum método mais radical. Tenho de usar os métodos mais convencionais que tenho ao meu alcance. Talvez não seja a melhor maneira, mas *band-aid* ainda é melhor do que nada.

— Por acaso o senhor também cuidou da filha do dr. Jay Nemman? — perguntou Mulder.

Glass hesitou um pouco. Finalmente respondeu:

— Sim... Mas sem o conhecimento dos pais. Ela veio falar diretamente comigo, e eu fiz o melhor que podia, mas...

— o médico resolveu parar — Desculpem. Como já disse, não posso falar sobre os problemas individuais dos meus clientes.

— Nem mesmo os de Billy Miles? — perguntou Mulder.

— Nem os de Billy Miles — respondeu o médico.

— Mas o senhor vai permitir que façamos a ele algumas perguntas.. —. insistiu Mulder.

Glass ergueu as sobrancelhas.

— Desculpe, mas pensei que sabiam. Billy Miles entrou em um tipo estranho de coma, está num coma acordado. Acharmos que está consciente, mas não reage a coisa alguma. E faz anos que não conversa com ninguém. Seria perda de tempo tentarem fazer-lhe perguntas.

Mulder estremeceu, como se tivesse levado um bofetão no rosto. Mas recuperou-se logo e perguntou:

— Então, podemos pelo menos dar uma olhada nele?

O médico encolheu os ombros.

— Claro. Mas não sei de que vai adiantar isso. E acho melhor avisar: Billy não é uma coisa agradável de se ver.

O médico não estava exagerando.

Billy estava sentado na cama. Era um rapaz de boa aparência, limpo e saudável.

Mas parecia estar vivendo em outro mundo.

Respirava suavemente pela boca. De vez em quando, piscava os olhos, o único sinal de vida que demonstrava.

— Olhem para ele — disse o enfermeiro, balançando a cabeça —. Foi o maior jogador de futebol que Bellefleur já teve. Todo o mundo achava que se tornaria profissional, até que um palhaço qualquer o atropelou na rodovia estadual. Atropelou e fugiu. Nunca prenderam o culpado, e isso já faz quase quatro anos.

— E ele está assim desde que ocorreu o acidente? — perguntou Scully. Ela sentia náuseas, mas não porque tivesse

problemas em examinar cadáveres, porém um cadáver ambulante como aquele era outra história...

— Nunca sai disso — respondeu o enfermeiro —. É como um vegetal. Se fosse eu, juro que preferia ser enterrado debaixo de sete palmos de terra. Os pais dele só vêm visitá-lo uma vez por mês, e a única pessoa que ainda se preocupa com ele é Peggy O'Dell — o enfermeiro olhou por cima do ombro de Scully e disse: — Não é mesmo, querida?

Scully e Mulder viraram a cabeça e viram uma jovem em uma cadeira de rodas. Era magra como um palito e pálida como um fantasma. Nem ergueu o olhar para os visitantes de Billy, porque só tinha olhos para a figura sentada na cama.

Ela empurrou a própria cadeira de rodas para o lado da cama de Billy e apanhou o livro que tinha no colo.

— É a namorada de Billy — explicou o enfermeiro, piscando para Scully —. Não é mesmo, Peggy? Fale com estas pessoas simpáticas. Vieram visitar Billy, como você.

Os olhos da garota quase se fecharam e a boca tremeu.

Mas ela não disse nenhuma palavra.

Mulder perguntou calmamente:

— Você foi colega de escola de Billy?

Peggy ignorou a pergunta e disse, com a voz tensa:

— Billy quer que eu leia para ele.

Mulder tentou de novo:

— Você conhecia Billy antes do atropelamento?

Peggy falou como se estivesse sonhando:

— Todo o mundo conhecia Billy, era o rapaz mais popular da escola.

— E Billy gosta que você leia para ele? — perguntou Mulder.

Peggy falou no mesmo tom de voz:

— Tenho de cuidar de Billy agora. Estamos unidos para sempre — ela fez uma pausa. Depois, falou de modo que sua voz parecia ecoar pelas paredes —. *Billy e eu vimos a luz.*

Capítulo 9

B*illy e eu vimos a luz!*
As palavras de Peggy provocaram uma verdadeira onda de choque pelo aposento.
Mulder e Scully ficaram boquiabertos.

E Billy Miles foi ainda mais atingido.

Seus olhos se arregalaram. O rosto se contorceu, as veias de seu pescoço incharam muito e o pomo de adão estremeceu. Seus lábios se abriram e do fundo da garganta saiu um grunhido animalesco, como se Billy estivesse tentando falar.

Aí, acabou.

Billy voltou a ser o vegetal de sempre.

Scully ouviu Mulder dizendo:

— Peggy, não precisa ter medo, só queremos que a dra. Scully dê uma olhada em você.

Scully voltou-se e viu o rosto contorcido de Peggy, mostrando pânico.

— Não! Não quero... não quero! — gritou Peggy. Ofegante, ela empurrou a cadeira de rodas na direção da porta.

O enfermeiro segurou a cadeira por trás e acalmou-a:

— Está tudo bem, querida. Tudo bem.

Peggy não quis saber de nada. Fez força e empurrou o corpo para fora da cadeira de rodas, para começar a engatinhar no chão.

O enfermeiro apertou um botão de alarme, na parede.

Enquanto isso, Scully tentava ajudar Peggy a voltar para a cadeira, mas Peggy não mostrou-se agradecida. Sacudia os braços violentamente, enquanto Scully a tentava levantar. Mulder foi ajudar a parceira.

— Obrigada. É como tentar segurar um gato selvagem — disse Dana.

Mulder não deu muita atenção. Estava olhando para alguma outra coisa. Scully seguiu o seu olhar e viu o que era.

A camisola do hospital que Peggy vestia tinha-se levantado, e deixava à vista a parte baixa de suas costas.

Duas marcas profundas e vermelhas apareciam com destaque, em sua pele branca como leite.

Mulder parecia satisfeito, muito satisfeito.

Quanto a Scully, ela de repente sentiu tonturas e náuseas. Tudo aquilo estava ficando cada vez mais difícil de engolir.

Scully estava cheia daquele cenário de casa de loucos. Queria cair fora dali, antes que acabasse sendo colocada também numa camisa-de-força.

Passou pelos dois enfermeiros que vinham cuidar de Peggy e saiu pelo corredor, para a porta da frente. Na grama verde, debaixo do céu azul, sentiu-se bem melhor. Voltou a ser ela mesma: sadia e controlada. Decidiu voltar para o carro. Queria ler de novo os relatórios sobre aquele caso, porque estava faminta pelos fatos, pelos fatos frios e puros.

Sentou-se no carro e releu a história publicada nos

jornais sobre a morte de Karen Swenson. A manchete dizia: **QUARTA MORTE TRÁGICA DA TURMA DE 89.** Em seguida vinham os detalhes sobre a descoberta do corpo da garota na clareira da floresta.

"Deve haver uma explicação sensata para isto tudo", pensou Scully, "só preciso encontrar essa explicação."

Alguém bateu na janela do carro.

Scully quase desmaiou de susto.

Aí viu Mulder rindo para ela, através do vidro.

— Não tem graça — disse ela, depois de abrir a janela.

— Billy desculpou-se por não ter podido se despedir — disse Mulder.

— Ha, ha — disse Scully —. Olhe, Mulder, como é que você sabia que a garota tinha aquelas marcas nas costas?

— Garota? Que garota? — perguntou Mulder — Ah, sim, aquela que parece um esqueleto-fantasma!

Scully perdeu o resto de paciência que lhe restava. Já estava cansada das brincadeiras de Mulder, principalmente porque era ele que vinha estabelecendo todas as regras do jogo.

— Mulder, pare com isso! — disse ela — Eu quero respostas. Que diabo está acontecendo aqui? O que é que você sabe sobre aquelas marcas? De onde vem aquilo?

— Quer que eu diga a verdade? — perguntou Mulder.

— Sim.

Mulder insistiu:

— E vai saber enfrentar a verdade?

— Por que não experimenta? — disse Scully.

— Acho que todos esses jovens foram seqüestrados — disse Mulder.

— Por quem?

— Quem não. O *quê* — corrigiu Mulder.

Scully saiu do carro e ficou frente a frente com Mulder. Já era hora de resolver de uma vez por todas aquele assunto.

— Você acredita mesmo nessas *coisas* do espaço, não é verdade? — perguntou ela.

— Olhe, eu aceito qualquer explicação melhor do que essa — disse ele —. Se tiver uma, sou todo ouvidos.

Scully foi direta:

— Acho que você está louco. Para mim, aqueles jovens todos estiveram envolvidos em algum tipo de culto. Sabe? Aqueles cultos satânicos que existem por aí. As pessoas costumam deixar-se atrair por essas coisas, especialmente os jovens.

— Verdade mesmo? — perguntou Mulder com ironia.

— Claro que é. As florestas são o lugar perfeito para os rituais que fazem no meia da noite. Foi por isso que encontraram Karen Swenson lá, de camisola. Tenho certeza de que podemos achar outras pistas no lugar onde ela morreu. Velas. Cruzes. Alguma coisa. Qualquer coisa! Muita coisa.

— Boa idéia — disse Mulder, rindo —. Ainda bem que escalaram você para me ajudar, pois acho que estaria perdido sem você ao meu lado.

— Muito engraçado... — disse Scully — De qualquer modo, sugiro um passeio até a floresta.

— Aceito a sugestão. Mas, depois que escurecer. Acho que não devemos provocar ainda mais o povo da cidade, porque as pessoas estão ficando muito irritadas com as nossas investigações. Algum problema?

— Nenhum — respondeu Scully —. Já sou bastante crescida, não tenho mais medo do escuro.

Mas, naquela noite, Dana sentiu alguns calafrios.

Estava sozinha na floresta. Ela e Mulder tinham-se separado para esquadrihar partes diferentes da mata, para investigar melhor.

"Vamos, garota. Fique fria", dizia consigo mesma, varrendo as árvores com o facho da lanterna.

Viu uma clareira adiante de si e caminhou naquela direção, com os galhos raspando em seu rosto. Ajoelhou-se onde a grama estava amassada, no meio da clareira. Passou os dedos sobre o lugar, e seus dedos ficaram cobertos de cinza.

Lembrou-se da notícia que havia lido no jornal. Devia ter sido ali que encontraram o corpo de Karen Swenson.

Ela ouviu um zumbido de baixa intensidade.

"É só o vento nas árvores", disse consigo mesma. Mas não sentiu brisa alguma.

O barulho foi aumentando. Scully decidiu procurar por Mulder. Levantou-se e virou-se para o lugar de onde tinha vindo.

Uma luz branca e forte quase a cegou.

Ela ouviu um barulho metálico, como o de algum instrumento, ou passos estranhos.

Seu corpo congelou como uma estátua e sua respiração ficou difícil.

O barulho aumentou ainda mais, estava chegando mais perto.

Então ela viu a figura desfocada de um ser escuro, no centro daquela luz estonteante.

— Mulder? É você? — gritou.

Mas já sabia a resposta.

Não era Mulder que caminhava na direção dela.

Capítulo 10

“**O** fogo deve ser combatido com fogo”, pensou ela, e colocou o pensamento em ação.

Levantou a lanterna acesa contra aquela luz forte.

— Ei... o que é... — disse uma voz.

Agora ela podia ver quem era a figura.

Era um dos policiais, com um rifle nas mãos.

— Está invadindo propriedade particular, moça — disse ele.

— Estamos realizando uma investigação — rebateu Scully, depois de engolir em seco —. Somos do FBI.

— Não interessa quem você é — disse o policial. Vá para o carro e caia fora daqui, ou serei obrigado a detê-la por invasão de propriedade.

De repente, a voz de Mulder ecoou, no meio do mato.

— Esta é a cena de um crime.

Scully virou a lanterna na direção da voz. Mulder estava parado, na entrada da clareira.

— E eu sou da policia — disse o detetive —. Agora, entrem no carro e sumam daqui.

Mulder olhou fixo nos olhos do policial, depois olhou para o rifle e virou-se para Scully.

— Ouviu o que ele disse? Temos de obedecer a lei.

Scully seguiu Mulder, passando pelo veículo de tração nas quatro rodas do policial. Então ela viu os faróis fortes que estavam acesos acima da cabine. Devia ter sido aquilo que a cegara. O motor diesel do veículo devia ter feito o barulho estranho que ela ouvira. Claro! Era isso mesmo. Com todas as coisas estranhas que estavam acontecendo, os nervos dela estavam em frangalhos. Ela já estava começando a imaginar coisas. Coisas impossíveis, especialmente no meio daquela floresta assustadora.

De repente, ela quase caiu dura de susto.

A luz ofuscante de um raio rasgou o céu.

O estalo forte do trovão ecoou no ar.

— Vamos cair fora daqui — disse ela a Mulder.

— Claro — respondeu ele. E ao chegarem no carro. Mulder foi direto para o banco do passageiro.

Mas Scully o fez parar.

— Você dirige. Tem uma coisa que eu quero investigar.

— Você é quem manda — disse Mulder, colocando sobre o painel a bússola que tinha na mão. Pôs o cinto de segurança e avisou: — É melhor apertar o cinto também.

Outro raio caiu com muito barulho. Pingos de chuva escorriam pelo pára-brisa. Mulder ligou os limpadores. Não adiantou muito. A chuva já estava caindo como cachoeira, o que não o impediu de apertar o acelerador até o fundo. O carro saiu voando da floresta para a rodovia.

Enquanto isso, Scully estava examinando a terra queimada e as cinzas que tinha encontrado na floresta.

— O que acha que fez isso? — perguntou ela.

Mulder encolheu os ombros e disse:

— Sei lá. Incêndio na mata? Fogueira de acampamento? — e ele riu, antes de continuar — Por que me pergunta? Afinal, não concorda com minhas idéias.

— Pode ser algum tipo de ritual. Talvez até sacrifício humano — disse Scully —. Acho que estava certa quando pensei em culto satânico. Quero voltar lá.

— Sim. Sim, claro — disse Mulder.

Não parecia estar interessado. Era como se Scully estivesse falando sobre a chuva. Mulder prestava mais atenção no rádio, onde tentava sintonizar alguma estação.

Sua mão parou, quando tocou no botão da sintonia automática.

O aparelho produziu um zumbido que desapareceu quase no mesmo instante, como se eles tivessem passado debaixo de uma rede de alta tensão.

— Olhe! — disse Mulder.

Scully seguiu o olhar dele até a bússola sobre o painel. A agulha não parava de girar, desorientada.

Mulder olhou pela janela.

— Tudo bem? — perguntou Scully — O que é que está procurando?

Mulder não respondeu. Limitou-se a continuar dirigindo através da chuva forte. Havia poças d'água por toda parte, no asfalto, mas o carro continuava no seu caminho.

— Ei, Mulder, talvez você devesse. — começou ela a dizer.

O ofuscante brilho da luz de um novo raio cortou suas palavras.

O clarão encheu o céu e o carro de luz.

Aí tudo ficou escuro.

As luzes do carro tinham-se apagado.

O único barulho que se ouvia era da chuva.

O motor tinha parado.

O carro ia devagar pelo asfalto, diminuindo ainda mais a velocidade, até que parou, no acostamento.

— Uau! — exclamou Scully — O que aconteceu?

— O motor morreu e ficamos sem freios, sem direção hidráulica, sem nada — respondeu Mulder. Mas ele não parecia perturbado. Ao contrário, estava até contente. Feliz mesmo, como um garoto que ganha um bichinho de pelúcia num parque de diversões.

Ele olhou para o relógio.

— Perdemos três minutos! — exclamou Mulder, com a voz cheia de felicidade.

— Perdemos o quê?

— Três minutos! — anunciou ele de novo.

Então ele saiu do carro e começou a andar pela estrada, debaixo de toda aquela chuva. Scully suspirou fundo e foi atrás dele. Era quase como se estivesse seguindo o som da flauta de Pan.

Uns trinta metros estrada acima, Mulder parou para esperar que Scully o alcançasse.

— Perdemos três minutos de nosso tempo — tornou ele a dizer —. Olhei no meu relógio pouco antes do clarão. Passavam três minutos das nove horas, e logo depois do raio já eram nove e sete. E foi exatamente aqui, olhe!

Ele apontou para o asfalto. Um enorme X alaranjado brilhou no meio da chuva. Scully tentou lembrar-se do momento em que Mulder havia feito aquela marca no chão. Demorou um instante, mas lembrou-se. Tinha sido no dia anterior, só que parecia já ter transcorrido um ano. Muitas coisas haviam acontecido desde então, tanto ao redor deles quanto dentro dela.

Scully estava achando as coisas complicadas demais. Dava até para imaginar como se sente um computador, quando a memória fica sobrecarregada pelos dados. E como precisa de uma reinicialização, de vez em quando, para poder continuar funcionando.

Ela gostaria que as coisas parassem de acontecer, pelo menos por um tempo.

Mas não paravam.

— Pessoas que passam por abduções falam de estranhas perdas de tempo — comentou Mulder —. E também aqueles que têm visões.

Com uma careta Scully pensou: "abduções"! Mulder não abandonava mesmo suas teorias sobre seres extraterrestres. Acreditava mesmo que essas coisas existem. E que estavam ali, no meio da noite, prontas para atacar.

— Ouça, não vai querer me dizer que... — começou Scully.

Mulder a interrompeu:

— Olhe!

Ele apontou de volta para a estrada quando os faróis do carro acenderam-se sozinhos.

— Que diabo... — disse Scully.

— Bem que avisei sobre a minha maneira de dirigir — interrompeu Mulder —. Tudo pode acontecer quando estou ao volante. Tem de estar preparada para levar alguns sustos.

— Pois eu digo o que gostaria de ver acontecer agora mesmo — disse Scully —. Que você entrasse no carro e me levasse direto para o hotel. Sem parar. Sem desvios. Sem nenhuma desculpa.

— Claro — respondeu Mulder —. Já vimos o suficiente para uma noite.

— Mais do que suficiente — garantiu Scully.

Ela suspirou aliviada quando se viu finalmente de volta ao quarto do hotel. Um bom banho quente, uma boa noite de sono, e no dia seguinte tudo iria parecer só como um pesadelo.

Mas, primeiro, ela tinha trabalho a fazer. Colocou o *laptop* sobre a mesa, abriu, sentou-se, e começou a escrever:

O relatório a respeito do agente Mulder sobre a perda de três minutos, devida a 'forças desconhecidas', não pôde ser corroborada por esta agente. Esta agente acredita tratar-se de coisa pouquíssimo provável e, ao invés disso, acha...

Naquele instante as luzes do quarto piscaram e se apagaram.

A tela do computador de Scully permaneceu acesa, porque o aparelho era alimentado por baterias.

Scully leu de novo a última frase: *Esta agente acredita tratar-se de coisa pouquíssimo provável e, ao invés disso, acha...* Olhou ao redor, na escuridão que a envolvia, e mordeu os lábios. Selecionou toda a sentença e apertou a tecla "delete".

Tentou pensar no que deveria escrever, mas desistiu. Aquilo tudo era demais para ela, estava muito mais do que cansada, estava quase morta. Depois que o dia clareasse iria ser muito mais fácil tentar encontrar sentido naquelas coisas todas.

Com a luz que vinha da tela do computador, ela encontrou algumas velas. Acendeu uma, bocejou e espreguiçou-se. Mulder ia ter de sair sozinho outra vez, para a sua corrida matinal. Ela iria dormir tanto quanto conseguisse.

Dana foi para o banheiro com a vela e a colocou sobre a prateleira, acima do lavatório. A chama insegura iluminou todo o banheiro, refletindo-se no espelho e nos azulejos brancos.

Abriu o registro do chuveiro e experimentou a água. Era uma ducha forte e quente, mal podia esperar para entrar debaixo dela.

Tirou as roupas e as amontoou.

E aí deu um grito.

Capítulo II

Scully segurava a vela numa das mãos e com a outra, batia forte na porta de Mulder. Os olhos dele se arregalaram quando viu a expressão assustada no rosto dela.

— O que aconteceu, Scully? Por acaso viu um fantasma?

Scully tentou manter-se calma.

— Posso entrar? Quero que você veja uma coisa.

Mulder saiu do caminho para Scully entrar no seu quarto, que também estava iluminado pela luz de velas.

Scully respirou fundo e tirou o roupão de banho que colocara nos ombros. Em outras circunstâncias, ficaria envergonhada, mas não naquele momento. Estava preocupada demais para ligar para isso.

Além do mais, sabia que Mulder não dava muita atenção a ela, nesse sentido. Suas atenções estavam em outras coisas.

Scully usava apenas as roupas de baixo. Deu as costas para Mulder e, com os dedos tremendo, apontou para a parte

baixa das costas. Queria que Mulder visse o que ela acabara de ver no espelho do banheiro, quando se preparava para entrar no chuveiro.

— O que é isso? — perguntou ela.

Mulder ajoelhou-se para ver melhor.

Como ele tivesse ficado em silêncio, ela falou mais alto:

— Mulder, *o que é isso?* — perguntou muito assustada.

Ele se levantou e perguntou:

— Está falando dessas duas marcas vermelhas?

Scully teve de fazer força para não gritar. Sua voz saiu trêmula:

— Sim, estou falando dessas duas marcas vermelhas.

— É fácil — respondeu Mulder —. Picadas de pernilongo.

— Picadas de pernilongo? — Scully engoliu em seco.

— É. Eu mesmo fui picado umas vinte vezes no meio daquela mata. Olhe... — e começou a tirar a camisa.

— Não precisa tirar. Eu acredito no que diz — interrompeu Scully. Apressadamente ela apanhou o roupão de banho e tornava a vesti-lo, dirigindo-se para a porta. Mas logo parou.

Um tremor repentino tomou conta dela, e só podia ficar ali parada, tremendo. Do lado de fora da janela a chuva lavava o vidro e os raios estouravam sem parar. Ali dentro, a luz das velas tremia com insistência. Ela procurou controlar o medo, pois não havia razão alguma para estar tão amedrontada.

Não adiantou.

— Tudo bem com você? — perguntou Mulder.

— Sim. Tudo bem — mentiu Scully.

— Claro — disse Mulder —. Dá para ver que está bem.

— Pois garanto que estou bem — insistiu ela, acrescentando — Só tem uma coisa: não vou dormir no meu quarto hoje.

— Como é que é? — perguntou Mulder — Tem alguma coisa melhor para fazer?

— Ouça, Mulder. E hora de termos uma conversa séria. Acho que é hora de você me dizer a verdade.

— A verdade? — perguntou ele — De que verdade está falando?

— A verdade sobre tudo o que você sabe — respondeu Scully —. E a verdade sobre como descobriu o que sabe.

— Com uma condição — impôs ele.

— Que condição?

— De que você me ouça com atenção.

— Depois do que aconteceu hoje, especialmente esta noite, estou disposta a ouvir qualquer coisa — garantiu Scully.

— Sente-se, então — disse Mulder—. Ou melhor ainda, deite-se na cama. Eu fico com a cadeira. Tem muita coisa para você ouvir e muito que aprender — ele estendeu a mão para ela e ofereceu: — Quer sementes de girassol?

— Acho que vou aceitar.

Ela começou a mastigar as sementes enquanto ouvia o que Mulder tinha a dizer. As sementes eram gostosas, devia ler experimentado antes.

— Eu tinha doze anos de idade quando aconteceu — começou Mulder —. Minha irmã tinha oito. Dormíamos os dois no mesmo quarto, desde que éramos bebês. No mês seguinte íamos ter quartos separados. Mas esse dia nunca chegou, porque uma noite ela desapareceu da cama. Sumiu no ar, como por mágica.

— Como pode uma criança desaparecer assim? — perguntou Scully.

— Ninguém sabia — respondeu ele. Sua voz era fraca, como se estivesse longe dali. Como se tivesse voltado no tempo, à época em que era criança, um garotinho confuso e amedrontado —. Minha família tinha dinheiro, conhecíamos Rente importante. E meu pai ordenou uma busca geral com polícia, investigadores particulares, jornalistas e tudo o mais.

— E daí? — perguntou Scully.

— Nada — respondeu Mulder —. E meu pai ficou esperando por um pedido de resgate. Seria capaz de pagar qualquer coisa, mas nunca fizeram contato.

— Nunca mais a encontraram? — perguntou Scully.

— Foi um golpe tremendo para a família toda. Demorou anos para aprendermos a deixar tudo para trás. Mas nunca nos esquecemos do episódio. Era como uma ferida que nunca cicatriza, independentemente de quantos curativos fazemos nela.

— Ainda está aí, dentro de você, não é mesmo? — perguntou Scully.

Mulder concordou.

— Está sim. Já tentei esquecer. Cheguei a sair de casa para estudar na Inglaterra, porque achei que isso ajudaria. Foi pior. Eu não conseguia esquecer minha irmã. O desaparecimento dela me fez obcecado pela investigação de mistérios. Primeiro, os mistérios da mente, depois, os mistérios do crime. Entrei para o FBI e me tornei o seu agente mais importante. Sempre era escalado para as coisas mais complicadas. E estava a caminho do degrau mais alto.

— E aí, o que aconteceu? — perguntou Scully.

— Um dia eu tropecei no Arquivo X. Casos tão estranhos que todo o mundo achava que eram ridículos.

— Todo o mundo menos você.

— Racionalmente, sabia que devia achar — disse Mulder —. Mas não consegui. Não podia deixar de acreditar naquelas coisas. E li todos os relatórios, centenas e centenas de relatórios, comecei a ler tudo o que encontrava sobre acontecimentos estranhos. Ocultismo, fenômenos paranormais, até que finalmente aprendi sobre hipnose de regressão profunda.

— O que é isso exatamente? — perguntou Scully. Queria ter certeza de não perder nada do que ele dizia.

— Hipnose de regressão profunda é um tipo de hipnose que abre as partes fechadas da nossa mente — explicou Mulder

—. Permite que nos lembremos de coisas completamente escondidas no consciente, as coisas assustadoras demais, aquelas que queremos esquecer.

— E você lembrou-se do quê? — perguntou Scully, tentando adivinhar a resposta.

— Scully, olhe para mim — pediu ele. Scully sentou-se na cama e olhou bem nos olhos dele: — Eu nunca disse isso a ninguém no Bureau. Parece loucura. A princípio, nem eu mesmo queria acreditar, mas agora estou confiando em você porque acho que é como eu. Quer conhecer as respostas... certo?

— Sim, é isso mesmo — disse ela.

— Eu fui hipnotizado por um especialista — disse Mulder, devagarinho, como se estivesse entrando em transe —. Voltei no tempo. Voltei à noite em que minha irmã desapareceu, e me vi deitado na cama, despertando de repente. Vi uma luz muito forte do lado de fora do quarto e vi aquela figura escura entrando — Mulder tinha os punhos cerrados. E sua voz estava cheia de dor, e depois de uma pausa, continuou: — Eu me vi como um garotinho, apavorado e incapaz de me mover. Ouvi os gritos de minha irmã, pedindo socorro. Eles a levaram embora e eu não movi uma palha para impedir. Ouça o que estou lhe dizendo, Scully. Essa coisa existe. Não sei o que é nem por que existe, mas um dia vou acabar descobrindo. E vou fazer com que pare de nos atacar. Nada mais me interessa no mundo, e nunca estive tão perto de chegar onde quero. Se você acredita ou não, na verdade não me importa.

— Eu acredito — disse Scully.

— Mas quero que saiba: é perigoso. Quanto mais perto chegamos, mais perigoso vai ficando.

— Também acredito nisso, Mulder.

— Então, talvez seja melhor você recuar e cair fora daqui — disse ele.

— Talvez seja melhor eu não recuar. Esqueceu que eu tenho um relatório para escrever? Você não é o único que tem um trabalho a fazer.

O telefone tocou.

Mulder ignorou, e disse:

— Se você acha que deve continuar...

— Eu acho que devo.

O telefone tocou de novo.

Dessa vez Mulder atendeu.

Scully viu o rosto dele se contorcer, enquanto ouvia.

— Certo — disse ele no aparelho —. Já vamos para lá.

Ele desligou o telefone e disse a Scully:

— Aconteceu de novo.

Capítulo 12

Quem estava ao telefone? — perguntou Scully.

— Não sei. A pessoa não disse, estava disfarçando a voz — respondeu Mulder, já vestindo o paletó.

Scully estava curiosa.

— O que aconteceu?

— Foi Peggy O'Dell, a amiguinha de Billy Miles, no sanatório — disse Mulder —. Está morta. Aconteceu na floresta, numa passagem de nível da estrada de ferro. Foi só isso que a voz disse ao telefone. Quero descobrir o resto e bem depressa.

— Só preciso de um minuto para me vestir — disse Scully.

Ela correu para seu quarto e vestiu-se. Jogou uma água no rosto e passou a escova nos cabelos. Não havia tempo para retocar a maquiagem, Mulder estava à sua espera no corredor.

— Vamos de uma vez — disse ele, impaciente.

— Espere. Preciso trancar a porta do quarto — disse Scully.

Ele ficou sapateando no chão, enquanto ela dava duas voltas na chave.

— Não adianta trancar tanto — disse ele —. Não adianta fazer coisa alguma, se essa coisa quiser entrar, acaba entrando. Vamos logo. E vamos tirar cara ou coroa para ver quem dirige.

— Nada disso — respondeu Scully —. Eu dirijo. Vou me sentir muito mais, segura se estiver ao volante.

— Talvez tenha razão — concordou Mulder. E atirou as chaves do carro na direção dela.

Quando deixaram o hotel, já tinha parado de chover e soprava uma brisa fresca. A lua cheia, contra o céu escuro, iluminava as nuvens que passavam velozes. O luar se refletia nas poças d'água que se haviam formado no estacionamento do hotel e cintilava nas gotas formadas sobre o carro.

Entraram, colocaram o cinto de segurança e Scully ligou a ignição.

Quando saíam do estacionamento, Mulder disse:

— Sabe? Tenho uma sensação estranha como se alguém estivesse nos observando. Alguém ou *alguma coisa*.

Dezenas de policiais já estavam no local quando eles chegaram. As luzes que piscavam nos carros de patrulha iluminavam toda a floresta, lembrando uma cena de filme policial. Scully viu galhos quebrados e árvores arrancadas pela tempestade. Também viu uma locomotiva e uma fila de vagões de carga parados na via férrea.

Mulder foi direto falar com dois policiais parados perto dos trilhos.

— O que aconteceu? — perguntou ele — Quero os detalhes. Todos os detalhes.

Um dos policiais olhou para ele sem virar o rosto, e então disse:

— Calma, amigo. Já temos tudo sob controle aqui.

— Perguntei o que aconteceu — repetiu Mulder —. Vamos! Não posso ficar esperando a noite inteira.

— Uma jovem foi atropelada pelo trem — disse relutantemente o policial.

— Como foi que ela chegou até aqui? — perguntou Mulder.

O policial começou a abrir a boca, mas antes que pudesse falar, seu parceiro disse:

— Ei, cara, qual é? Por que tanta pergunta? Quem é você para vir aqui falando grosso desse jeito?

Mulder fez que não ouviu e continuou:

— Ela estava na cadeira de rodas?

O primeiro policial cocou a cabeça.

— Cadeira de rodas? Não tinha...

Mulder sentiu uma mão sobre seu ombro, por trás. Ele se voltou e congelou, como uma estátua.

Era o detetive que os havia encontrado na floresta. O mesmo que ordenara que caíssem fora. O sujeito era enorme e forte, e ficou com a mão sobre o ombro de Mulder, apertando cada vez mais forte.

— Não mandei vocês caírem fora do nosso pedaço? — rosnou ele.

O homem tirou a mão do ombro de Mulder, porém com o punho fechado, deu um empurrão bastante forte no peito do agente.

— E eu já disse que quero saber o que está acontecendo aqui — respondeu Mulder, empurrando-o de volta, com mais força ainda.

— Estou avisando pela última vez — disse o detetive —. Mais uma brincadeirinha dessas e vou prender você por desacato. E aí você poderá descobrir o que está acontecendo na cadeia.

E deu mais um empurrão em Mulder, a ponto de fazer com que o paletó do agente se abrisse.

O primeiro policial arregalou os olhos e disse:

— Ei, o cara está armado! — e arrancou o revólver que Mulder trazia no coldre, embaixo do braço. Agiu bem depressa, para alguém que mais parecia um touro vestido de azul.

— Sou do FBI, seu imbecil — disse Mulder, estendendo a mão para recuperar o revólver.

— Sim, claro — disse o policial. E ficou com a arma.

— Olhe, não tenho tempo para discussões — disse Mulder. E voltou-se para o detetive — Escute, talvez você seja mais sensato. Eu vi essa garota numa cadeira de rodas, hoje à tarde. Pode me explicar como ela conseguiu chegar aqui sem a ajuda dela?

— Vou lhe dizer a mesma coisa que já disse mais de uma vez antes: fora daqui, cara!

Scully ficou observando Mulder e o detetive, cara a cara. Pareciam dois alces, com os chifres enroscados. Mulder não estava conseguindo coisa alguma, agindo como machão. Cabia a ela conduzir a investigação.

Viu um lençol estendido perto dos trilhos e levantou uma ponta. Olhou para o corpo desfalecido de Peggy O'Dell. Os olhos da jovem estavam arregalados e virados para cima, de modo que só se via a parte branca.

Scully tentou não pensar em Peggy viva, tentou não se lembrar de Peggy olhando apaixonadamente para Billy Miles.

Agora, Peggy era apenas mais um cadáver, mais um trabalho a ser feito.

Scully ajoelhou-se para observar melhor e viu que havia uma mecha de cabelos castanhos presa na mão da garota. Pensou em apanhá-la como prova, mas achou melhor não fazer isso, pois os policiais locais não iriam gostar de vê-la removendo provas da cena do crime. Seria o bastante para atirarem a ela e Mulder na cadeia, por um bom tempo. Ela teria de se limitar a lembrar do detalhe para colocar no seu relatório, mais tarde.

Aí ela viu algo mais. Peggy estava de relógio. Talvez tivesse quebrado, no momento em que ela fora atropelada pelo trem, facilitando o trabalho de descobrir a hora da morte.

Scully segurou o pulso gelado de Peggy e virou-o para poder ver o mostrador do relógio.

Sentiu um calafrio na espinha.

O relógio marcava 9:03.

9:03.

O instante em que o tempo havia parado. E desaparecido.

Ela tinha de contar a Mulder. Tinha de...

— Melhor levantar-se, irmãzinha.. —. rosnou uma voz grossa, ao seu lado — E venha comigo.

Ela olhou para cima. Em pé, um policial a encarava, de arma em punho.

Scully levantou-se, e foi logo dizendo:

— Ouça, policial, está cometendo um grande erro. Eu estava só...

— Estava mexendo no cadáver — disse o policial.

— Mas, estou dizendo que.. —. protestou Scully.

— Pode contar tudo ao juiz — disse o policial —. E também pode contar o que pretendia fazer com isto.

Ele abriu a blusa de Scully para arrancar o revólver que ela trazia no coldre, debaixo do braço.

— Vamos. Vá juntar-se ao seu amiguinho ali — disse o policial.

Mulder estava em pé, de pernas abertas e os braços apoiados num carro da polícia. Ele virou a cabeça, quando Scully foi colocada na mesma posição, ao lado dele. Parecia estar morrendo de raiva da atitude dos policiais, e revoltado pela maneira como eles próprios tinham agido.

— Vamos verificar a identidade dos dois — disse o detetive —. Se estiverem falando a verdade, podem vir apanhar as armas depois.

— Tenho minha identidade aqui no bolso — disse Scully.

Mulder a interrompeu.

— Pode esquecer. Ele não quer nos ouvir. Tem assistido muitos filmes de mocinho e bandido.

Nesse instante, uma voz conhecida disse:

— Pode deixá-los em paz. Eu sei quem são.

Era o legista.

— Truit! — disse Mulder, aliviado — Ainda bem que chegou aqui. Agora podemos começar a encaixar tudo nos devidos lugares.

— Não há mais nada para encaixar — disse Truit —. É melhor se benzer, dr. FBI. Desconfio que esteja de volta à estaca zero.

Capítulo 13

M

ulder fez uma careta.

— Está bem, Truit. Pode me dar as más notícias.

Posso até adivinhar do que se trata. Mas é melhor que seja em caráter oficial.

— Alguém entrou no meu laboratório e arrebitou

tudo

por lá — disse Truit, balançando a cabeça —. Eu temia que isso estivesse para acontecer. As pessoas aqui são muito ordeiras e andam de acordo com a lei, mas vocês as provocaram tanto...

— Arrebitaram tudo — repetiu Mulder. Sua voz parecia cansada, resignada —. Mas não foi só isso que eles fizeram, foi?

— E já não é suficiente? — respondeu Truit. E acrescentou — Ah, sim. Eu ia quase esquecendo. Espero que vocês dois não tenham muito apego à carcassa daquele cachorro que tiraram do cemitério. Ou sei lá o que era aquela criatura... •

—Levaram embora, não é verdade? — disse Mulder — E engraçado, mas isso não é nenhuma surpresa para mim.

—Não me pergunte por que eles queriam aquilo — disse o legista, coçando a cabeça —. Não me parece o tipo de troféu que alguém iria querer colocar na parede.

— Não estava nem pensando em lhe perguntar isso — disse Mulder —. Não vou nem perguntar por que vocês não tinham aquelas provas sob proteção policial.

— Nunca precisamos de proteção policial antes de vocês dois começarem a criar caso por aqui — respondeu Truit irritado —. Os agitadores de fora sempre causam problemas em nossa cidade.

Mulder abriu a boca, como se fosse dizer alguma coisa, mas mudou de idéia. Um pensamento lhe ocorrera, tomando conta dele.

— Scully — gritou ele —. As chaves do carro! Depressa!

Ela entregou-lhe as chaves, antes que pudesse perguntar por quê, Mulder saiu correndo na direção do carro, com ela disparando atrás. Quando se sentou no banco do passageiro, ele já estava dando partida.

— Por que tanta pressa? — perguntou ela, quando o carro corria como um bólido pela estrada.

— Acho que você vai descobrir agora mesmo — disse Mulder, sem tirar os olhos do asfalto.

Ele estava certo.

Scully percebeu o que estava acontecendo quando viu um brilho intenso no céu, logo acima da linha do horizonte.

— Aquilo não é o que estou pensando, é? — perguntou Scully temerosa.

Mulder não respondeu. Seus lábios estavam cerrados e a expressão era de total seriedade.

O carro fez uma curva na estrada, para entrar num retão da rodovia. Dana já podia ver o hotel, lá na frente.

Uma enorme fogueira apareceu diante de seus olhos.

Mulder parou o carro ao lado de uma das viaturas dos bombeiros, estacionada ao lado da estrada. Ele e Scully caminharam entre os bombeiros e aos outros hóspedes do hotel, parados ali, de pijama e camisola. Ficaram também os dois no meio dos outros, olhando para as chamas. Sem poder fazer coisa alguma, observaram o fogo que consumia as paredes. Os poderosos jatos d'água que jorravam das mangueiras adiantavam tanto quanto uma cuspida.

— Lá se vai o meu relatório... Sem falar no computador. Era o último modelo. Tive de usar de toda a minha influência para conseguir um daqueles — disse Scully pesarosa. Ela se sentia como se tivesse perdido um grande amigo.

— E lá se vão as chapas radiográficas — disse Mulder —. Minhas fotos, tudo. Desaparece tudo o que conseguimos no dia de ontem. Gostaria de saber quem teria interesse de fazer desaparecer aquilo tudo. Alguma sugestão, Scully?

Ela ia começando a dizer alguma coisa, mas parou. E apenas balançou a cabeça, dizendo:

— Nenhuma.

— Ou talvez tenha alguma idéia, mas não quer admitir — sugeriu Mulder.

Scully foi salva da necessidade de lhe dar uma resposta.

— Veja quem vem vindo — disse ela, feliz por ter encontrado uma coisa para distrair Mulder.

— A filhinha querida do dr. Nemman — disse Mulder, enquanto a figura da garota saía dos arbustos para a claridade —. E parece que teve uma noite difícil também.

Scully concordou. A garota estava despenteada como da primeira vez que a tinham visto, no carro do pai. Mas, agora, parecia a noiva de Frankenstein. Seus cabelos voavam desalinhados, a longa camisola estava toda suja de terra e rasgada na barra. Os pés descalços e o rosto banhado pelas lágrimas. A voz saiu rouca, quando ela implorou:

— Por favor, ajudem-me. Vocês têm de me proteger.

Mulder tirou o paletó e o colocou ao redor dos ombros trêmulos da garota, e disse:

— Está frio esta noite. Não queremos que você apanhe um resfriado. Vamos a algum lugar onde você possa tomar uma bebida quente, para podermos conversar. Bastante, e com muita calma. Poderemos colocar as coisas todas em ordem, saber de tudo direitinho e deixar tudo voltar ao normal de novo. Você gostaria disso, não é mesmo?

A garota respondeu:

— Tudo normal de novo. Oh, sim, isso mesmo. Por favor...

— Passamos por um restaurante na beira da estrada que fica aberto a noite inteira — sugeriu Scully —. Vamos até lá.

— Era isso mesmo que eu estava pensando — disse Mulder.

O restaurante estava vazio quando eles chegaram. Com cara de muito aborrecida, a garçonete anotou o pedido de três cafés. Não demonstrou nenhuma curiosidade em relação à garota, que mais parecia uma velha e rasgada bruxa de pano. Provavelmente tinha trabalhado durante tanto tempo naquele horário da madrugada, que nada mais parecia surpreendê-la. Scully esperou até que a garota tomasse sua xícara de café.

— Quer mais um pouco? — perguntou ela.

A garota balançou a cabeça e respondeu:

— Não. Não vai adiantar, não vou mesmo conseguir tirar o gosto horrível que tenho na boca.

— Que gosto? — perguntou Mulder.

— De metal — respondeu a garota. — Ou algo parecido. Não, é pior do que isso. Uuhnnn!

Mulder balançou a cabeça, compreensivo.

— Deve ser mesmo horrível. Você vai ter de escovar os dentes muito bem esta noite — tentou brincar e falava devagar, do mesmo modo que se fala com uma criança. A garota devia ter pouco mais de vinte anos, mas a aparência era de uma menininha medrosa, de seus cinco anos de idade —. Agora, por que não nos diz o seu nome?

— Theresa. Theresa Nemman, — respondeu a garota.

— O que estava fazendo lá fora, de camisola? Não tem o costume de andar pelo mato à noite desse jeito, tem?

— Não sei — respondeu Theresa, balançando a cabeça —. De repente eu descobri que estava lá. É assim que acontece. Sempre. Eu vejo que estou lá fora, e não sei por quê.

— Quer dizer que já aconteceu outras vezes? — perguntou Scully. Ela também falava devagar, com toda a calma.

A garota parecia tão frágil como uma taça de cristal, e tão assustada como um coelho selvagem.

A voz de Theresa parecia estar vindo de longe, de algum lugar que ficava bem no fundo do seu peito. E ela disse:

— Isso acontece comigo desde o verão do ano em que me formei. E tem acontecido com meus amigos também, por isso é que preciso da proteção de vocês. Não quero que me aconteça mais. Não quero morrer como eles todos, como Peggy esta noite.

Os ombros dela começaram a tremer de novo e novas lágrimas desceram dos seus olhos.

Scully estendeu a mão sobre a mesa para confortá-la, e ao segurar as mãos de Theresa, sentiu que estavam tão frias quanto as de Peggy, quando tocara no cadáver, perto da linha do trem.

— Vocês vão me proteger, não vão? — implorou a garota, soluçando —. Prometam que vão me proteger.

— Claro que vamos — disse Scully —. Pode ficar tranquila.

Scully sentiu um gosto amargo na boca, um sabor metálico.

Só que ela sabia o que era.

O sabor da mentira.

Capítulo 14

Scully tinha de parar de mentir para si mesma. Não podia continuar mais fingindo que aquele era um caso comum, assim como não podia mais dizer a si mesma que a ciência seria capaz de encontrar todas as respostas. Ou que tudo o que aprendera no FBI acabaria levando-a até o assassino.

Pior de tudo, ela não podia mais continuar achando que Mulder era louco, maluco, doido ou desequilibrado.

Sentia-se quase feliz por seu *laptop* ter sido destruído. Por algum tempo, ela não teria de se preocupar em escrever o relatório.

Ia ser bastante difícil tentar convencer os chefões do FBI de que Mulder estava na pista certa. Talvez até impossível. Duvidava que os velhos fossem acreditar na história, já que nem ela mesma tinha acreditado... até aquele momento. A partir desse instante, ela teria de ser muito cuidadosa ao escrever seu novo relatório. Já não era só o

emprego de Mulder que estava em jogo, mas seu futuro também, sem mencionar o que poderia acontecer com o Arquivo X. A chefia do Bureau com certeza iria colocar os arquivos num cofre e jogar a chave fora.

Scully não queria que isso acontecesse. Desejava que os arquivos continuassem abertos e queria que Mulder continuasse com seu trabalho. Também queria ajudá-lo. Já vira o suficiente e Mulder tinha razão a respeito dela, os dois tinham muito em comum. Ela era o tipo de pessoa que queria respostas, que *precisa* de respostas, fossem elas quais fossem.

— Já é hora de falar a verdade — disse Mulder.

Scully ficou rígida. Então deu-se conta de que ele não se dirigia a ela, mas sim a Theresa.

— Foi você quem ligou para mim esta noite, não foi Theresa? — perguntou Mulder — Foi você quem me deu a notícia da morte de Peggy O'Dell, não foi?

A voz dele já não era mais suave como antes. Era dura, incisiva. "Ele decidiu que já é hora de tirar as luvas de pelica", pensou Scully.

Mulder parecia um animal que acabara de sentir cheiro de sangue. Cruel. Implacável. Era um lado da personalidade dele que Scully ainda não conhecia. Mas não a surpreendia.

Theresa mordeu o lábio e permaneceu em silêncio. Tentou desviar os olhos de Mulder, mas a força hipnótica do olhar dele não o permitia.

— Sim — disse ela, com a voz fraca —. Fui eu.

— Como sabia onde me encontrar? — perguntou Mulder.

— Ouvi meu pai dizer onde você estava hospedado — respondeu Theresa.

Scully observou o olhar de Mulder. Suas sobrancelhas se ergueram: teria sido Jay Nemman o incendiário? Tinha-se mostrado bastante perturbado no dia anterior. Mas seria tão grande assim a sua raiva?

Mulder deu de ombros. Não sabia se o médico teria coragem de atear fogo ao hotel. Então, voltou-se para a filha de Nemman. Estava disposto a descobrir a verdade, mesmo que tivesse de arrancá-la de Theresa com um par de alicates.

E perguntou à jovem:

— Com quem o seu pai estava falando? A quem ele falou sobre o meu hotel?

— Estava falando com o pai de Billy — respondeu Theresa.

— Billy? Está falando de Billy Miles? — indagou Mulder.

— Sim. Billy é... — mas Theresa fez uma pausa. Finalmente continuou o que ia dizer: — Billy é um dos nossos.

— Eu sei disso, Theresa — disse Mulder —. Vocês estão todos metidos nisso. Todos da classe de 89. Mas vamos voltar ao presente. Como foi que você soube que Peggy estava morta?

— Meu pai recebeu um telefonema. Ouvi quando ele perguntou ao telefone: "Peggy morreu? Tem certeza?"

— A que horas foi isso? — interrompeu Scully. Ela queria saber a hora certinha, minutos e segundos, se possível. Naquela noite, os minutos eram muito importantes. Talvez mais do que qualquer outra coisa.

— Nove horas. Alguns minutos depois das nove — respondeu Theresa —. Lembro que o meu programa de TV favorito tinha começado um pouco antes de o telefone tocar.

— E o que aconteceu então? — perguntou Mulder — Depois que ouviu seu pai ao telefone?

Theresa balançou a cabeça em desespero. E disse:

— Não sei. Não consigo me lembrar. Depois disso, a única coisa que me recordo é que estava na floresta, com alguém me perseguindo.

— Quem? — perguntou Mulder.

— Não sei! — disse a garota. Ela parecia que ia começar a chorar de novo.

Mas Mulder não estava a ponto de desistir.

— Era o seu pai?

— Não — respondeu Theresa. Sua voz era pouco mais do que um sussurro —. Mas papai me disse para não contar a ninguém, não contar nada.

— Você não deve contar a ninguém *o quê?* — insistiu Mulder, num tom autoritário.

Scully não o podia condenar pois sentia o mesmo que ele. E de mais a mais estavam perto demais da verdade, para desistir justamente nesse ponto.

— Que não devo contar a ninguém a respeito de Peggy — disse Theresa —. Nem sobre Billy Miles, ou como papai ajudou.

— Seu pai ajudou? Quem foi que ele ajudou? — perguntou Mulder.

— Peggy — respondeu a moça.

— Como foi que ele a ajudou? — perguntou Mulder.

— Ele era médico de Peggy, ela ia... ela ia ter um bebê, mas a criança morreu.

— Billy sabia que ela ia ter um bebê? — perguntou Scully, dessa vez mais rápido do que Mulder.

— Não — respondeu Theresa —. Ele não estava por aqui nessa época, já fazia um bom tempo que tinha desaparecido, logo depois da formatura. Só voltou quase no fim do verão. Peggy dizia que ele era o pai da criança, mas ninguém acreditou, porque Billy nem estava por aqui na ocasião.

Mulder voltou a perguntar:

— E seu pai? Ele sabia quem era o pai da criança?

Theresa hesitou de novo, depois disse:

— Ele ajudou Peggy mas... não havia bebê. Era alguma coisa diferente. Papai disse que foi porque Peggy tinha as marcas.

Scully engoliu em seco. Não queria pensar no que Peggy

linha tido, em lugar do bebê, no entanto não tinha como escapar desse pensamento.

Bem clara, na sua mente, ela viu a imagem dos restos da criatura que haviam retirado da sepultura.

Seu estômago revirou.

Ela olhou para Mulder, porém ele não parecia nem um pouco perturbado. Seu corpo estava curvado para a frente.

— As marcas? — perguntou ele — Está falando daquelas duas marcas nas costas dela?

— Sim — disse Theresa, — todos nós fomos marcados do mesmo jeito na floresta. *E todos nós vamos morrer.*

Capítulo 15

Era tudo o que Theresa tinha para dizer. Ela pôs as mãos na cabeça, apoiou a testa na mesa e começou a soluçar sem controle. Scully estendeu a mão para tocar nos braços dela e pôde sentir que ela ainda estava gelada.

Então Theresa tornou a erguer a cabeça.

— Oh, meu Deus, — disse Scully.

Theresa estava sangrando pelo nariz.

Scully apanhou no canto da mesa vários guardanapos de papel e os entregou a Theresa.

Ao fazer isso, uma imagem formou-se em sua mente: a criatura no caixão, o implante metálico nas suas narinas.

Por acaso Theresa teria aquele mesmo implante?

Foi tudo o que Scully conseguiu pensar.

Com o canto dos olhos ela viu a porta do restaurante abrir-se de um golpe.

O doutor Jay Nemman investiu salão adentro, com o

detetive da polícia que haviam encontrado na floresta logo atrás dele. A expressão de ambos era mais agressiva do que nunca. A garçonne apontou para a mesa onde Scully e Mulder estavam sentados com Theresa e disse:

— Ali está sua garotinha, doutor. Só Deus sabe o que eles estão fazendo com ela, a pobrezinha.

Scully percebeu que a garçonne devia ter usado o telefone. O povo daquela cidade era bastante unido, principalmente no tocante aos que vinham de fora.

Pelo menos aos que vinham de fora da Terra.

O dr. Nemman ignorou a presença de Scully e Mulder, só tinha olhos para sua filha.

Ele pôs a mão sobre os ombros dela e disse:

— Vamos embora para casa, querida, você vai ficar melhor lá, longe destas pessoas curiosas com suas perguntas que fazem você sofrer.

Mas Theresa encolheu-se quando o pai a tocou. Seus olhos estavam arregalados de terror.

— Não me parece que a garota queira ir embora — disse Mulder, num tom de voz bastante seco.

— Acho melhor ficar fora disso, moço — disse o doutor —. Ela é uma menina doente, muito doente. Vive imaginando coisas, todo tipo de coisas. Na verdade, está à beira de um colapso nervoso. Não deve passar por emoções fortes. A essa altura Theresa tinha-se afastado para o canto da mesa. Estava com o corpo curvado, quase numa posição fetal. O detetive da polícia estendeu o braço na direção dela.

— Seu pai quer levá-la para casa. Theresa — disse ele, baixinho —. Vai cuidar de você direitinho e colocá-la na cama, depois de lhe dar um chocolate bem quente, bem gostoso. Não acha uma boa idéia? — como se ela tivesse cinco anos.

— Vamos levá-la para um lugar seguro, querida — disse o dr. Nemman. Você sabe que o detetive Miles e eu não vamos deixar que nada lhe aconteça.

Mulder levantou-se de um salto e perguntou ao detetive:

— Você é o pai de Billy Miles?

O enorme policial voltou-se para Mulder.

— Isso mesmo — e assumiu um ar ameaçador —. E é bom você ficar longe do meu filho, ouviu bem? Já é o suficiente ele estar como está. Não quero nenhum estranho metendo o nariz na vida dele, como se o menino estivesse no zoológico ou coisa parecida.

— Vamos, Joe, ajude-me — disse o dr. Nemman ao detetive Miles.

Nemman segurou um dos braços de Theresa e Miles a tomou pelo outro. Juntos eles a levantaram e praticamente arrastaram-na para fora do restaurante.

Nem Mulder nem Scully fez coisa alguma para impedi-los. Não havia meio de desafiar os direitos de um pai, ou a força da lei. Theresa deu aos dois um último olhar apavorado, ao sair porta afora.

— A gente tem de amar este lugar — disse Mulder, terminando o seu café —. Todo dia parece ser o Dia das Bruxas.

— Podemos acreditar nas coisas que ela contou? — perguntou Scully — Talvez o pai esteja dizendo a verdade, talvez ela seja mesmo louca. Esta cidade parece propensa a produzir gente meio esquisita. Não seria a água daqui que faz isso?

— E você acha que qualquer pessoa seria capaz de inventar tudo aquilo, estando louca ou não? — perguntou Mulder.

— Você sabe a resposta — disse Scully —. Mas ainda está difícil encontrar sentido na coisa toda. Por exemplo, o relógio de Peggy O'Dell parou às nove horas e três minutos. Deve ter sido nesse momento que ela foi atingida pelo trem. Mas Theresa disse que Miles contou ao pai dela sobre a morte de Peggy logo depois das nove da noite. Não podia ter feito isso.

— Como não? — disse Mulder — Theresa poderia estar errada sobre a hora. É comum as pessoas cometerem erros desse tipo. Ou talvez ela estivesse mentindo, mentindo para nós ou até para si mesma. Trata-se de coisas difíceis de admitir. E como se ela tivesse uma espécie de vínculo telepático com Peggy. Uma coisa nós sabemos: todos esses jovens da classe de 89 estavam ligados por alguma coisa. Uma coisa da qual não conseguem se livrar — Mulder levou a xícara aos lábios, mas notou que estava vazia.

E continuou:

— Além do mais, seja qual for a verdade, nenhum tribunal do país a aceitaria, aliás nada do que Theresa diz seria aceito pela justiça. Afinal, é uma garota perturbada, uma garota cujo próprio pai diz que não é equilibrada. Nenhum tribunal aceitaria a palavra dela contra a de um médico ou a de um policial.

Scully balançou a cabeça e disse:

— Imagine você descrevendo o que aconteceu na rodovia, onde o X assinala o lugar. Três minutos depois das nove da noite, quando você disse que o tempo tomou três minutos de férias. Eu não sei se perdemos aqueles três minutos ou não. O fato é que não deve tentar convencer juiz nenhum.

Mulder deu uma risadinha sarcástica.

— Já faz tempo que parei de tentar convencer os juizes com palavras. Com eles o único jeito é apresentar provas.

— Você não é o único que sabe disso — disse Scully —. A pessoa que arreventou tudo no laboratório do legista e que tocou fogo no nosso hotel sabe disso também. Tudo o que temos agora para mostrar como resultado de nosso trabalho é um montão de cinzas.

— Quem você acha que ateou fogo ao hotel? — perguntou Mulder — O bom dr. Nemman?

— Pode ter sido — ponderou Scully —. Ele não é exatamente nosso melhor amigo e, talvez, o pai de Billy

estivesse trabalhando com ele. Dá bem para imaginar os dois agindo contra nós, os dois tentando encobrir os rastos de alguém.

Mulder levantou-se num pulo.

Scully já havia aprendido a reconhecer esse tipo de atitude.

Ela se levantou também e perguntou:

— E agora, para onde vamos?

— Acaba de me ocorrer — disse ele, com o olhar perdido —. Talvez ainda exista uma prova que eles não destruíram.

— Onde? — perguntou Scully.

Mas Mulder já estava a caminho da porta.

Scully correu atrás dele, para o carro, e ele logo foi se sentando na direção.

— Cuidado — ela disse a Mulder, enquanto o carro disparava pela rodovia. O céu estava carregado de nuvens outra vez. Caía uma chuva fina. O asfalto estava muito liso —. Não vamos resolver este caso se também acabarmos mortos.

— Pelo menos acabaríamos no lugar certo — disse Mulder, pisando bem fundo no acelerador.

Finalmente o carro parou. Scully olhou em volta e viu que estavam ao lado do cemitério Hillside, de Bellefleur.

Mulder desceu e Scully foi atrás dele. O agente acendeu a lanterna e foi caminhando pela grama molhada e o solo enlameado.

Parou.

— Tarde demais — disse ele.

A lanterna iluminou duas covas abertas. Ao lado delas, dois caixões, com as tampas arrancadas.

Mulder apontou o facho da lanterna para os caixões.

Scully olhou por cima do ombro dele.

— Os dois vazios — disse Mulder —. Eu devia ter desconfiado.

— Posso saber o que está acontecendo aqui? —

perguntou Scully — Será que tudo neste caso é loucura ou somos nós que estamos loucos?

Mulder não estava ouvindo.

Ficou parado ali, com o olhar perdido no infinito, como se houvesse partido para um mundo só seu.

Tudo o que Scully podia fazer era esperar.

Aos poucos, a vida foi voltando ao rosto dele.

E ele segurou Scully pelos ombros. Seus olhos irradiavam um brilho intenso, um brilho de pura felicidade.

Sua voz se iluminou com a mesma felicidade.

— Acabo de descobrir — disse ele —. Eu sei quem é!

— Quem é *quem*? — perguntou Scully.

— Quem é o culpado — respondeu Mulder.

— O culpado? Você quer dizer quem matou Peggy?

Mulder balançou a cabeça afirmativamente, sorrindo.

— E que fez o resto? — perguntou Scully — Também foi quem roubou as nossas provas? Foi quem assustou Theresa até a morte? A mesma pessoa?

Mulder continuou balançando a cabeça.

— A mesmíssima pessoa — disse ele —. E eu sei quem é.

Capítulo 16

O Odeio estragar a sua surpresa... mas acho que já sei a resposta — disse Scully.

Ela também tinha montado o quebra-cabeças e achava que tinha resolvido todo o mistério.

— Sabe? — perguntou Mulder — Mas sabe mesmo?

— Foi aquele policial grandalhão, o detetive Miles?

— Bom chute — disse Mulder —. Você mostra que a Academia é boa. Mas... não.

— Não?

— Não. Mas chegou perto — disse Mulder.

— Cheguei perto?

— Foi o filho dele, Billy Miles — declarou Mulder.

Scully achava que Mulder era um bom sujeito. Bem intencionado, talentoso, com o coração no lugar certo.

Mas a cabeça definitivamente estava atrapalhada.

Ela sorriu para o parceiro, balançando a cabeça.

— Billy Miles? — perguntou ela — Está falando do

mesmo rapaz que tem vivido como um vegetal durante os últimos quatro anos? Ele veio até aqui e cavou estas sepulturas sem ajuda de ninguém?

Mulder fez que sim, balançando a cabeça.

— Não sei se estou entendendo direito — ele disse a Scully — todos os detalhes. Mas tudo se encaixa em um padrão de abdução por parte de alienígenas. Acredite, Scully, eu sei o que estou dizendo. Já estudei centenas de casos com a ajuda do computador e...

— *Isto se encaixa em um padrão?* — perguntou Scully. Ela se lembrou da loucura total dos últimos dois dias. Que perfil mais maluco aquele...

— Olhe — disse Mulder —. O relógio de Peggy O'Dell parou às nove horas e três minutos da noite. Você mesma viu. Foi exatamente no mesmo instante em que perdemos aqueles três minutos na rodovia. Enquanto isso, no mesmo instante, Theresa Nemman saiu de sua casa e acabou correndo e fugindo de alguém no meio da floresta. Acho que alguma coisa aconteceu durante aqueles três minutos, quando o tempo parou para nós dois.

— Claro, Mulder, claro — disse Scully —. Agora, por que não voltamos para o hotel? Podemos tomar um belo copo de leite morno e dormir o resto da noite. Aposto que você vai sentir-se bem melhor pela manhã.

As sobancelhas de Mulder se ergueram.

— Você não me acredita? — perguntou ele.

— Meu caro agente Mulder. Estou em pé aqui, debaixo desta garoa, com os pés atolados no barro — disse Scully —. Estou olhando para dois caixões vazios, no meio de um cemitério onde exumamos alguém ou alguma coisa que eu não posso explicar. Além disso, uma garota desequilibrada me contou que vai morrer por que tem "as marcas". Claro, eu acredito em você, Mulder. Mas isso não quer dizer que esteja certo. Significa que estou ficando louca também. A esta

altura dos acontecimentos, eu acreditaria em qualquer um ou em qualquer coisa. Não me surpreenderia se começássemos os dois a uivar para a lua, agora mesmo.

—Acalme-se, Scully, e escute — disse Mulder.

—Acalmar? — perguntou Scully — Para me acalmar eu precisaria de pelo menos uns dois comprimidos muito fortes.

Mas, por mais estranho que parecesse, ela estava se sentindo mais calma. Talvez fosse alguma coisa na voz de Mulder. Sua paixão pela verdade, sua completa convicção, não importava o que fosse, ela se calou e ouviu.

—Acho que existe uma força agindo aqui em Bellefleur — disse Mulder—. Sentimos essa força no avião, pouco antes do pouso. E a experimentamos na estrada. Há uma força estranha agindo aqui, até nossos relógios nos pregaram truques e minha bússola ficou louca. O que estou tentando dizer é que... Bom, eu acho que essa força pode controlar o tempo, de maneira que Billy Miles pudesse sair e cavar as sepulturas, roubar, incendiar e até matar, sem ninguém por perto para ver que ele tinha saído da cama.

Scully disse a si mesma que não devia dar ouvidos a Mulder, o que significava estar na água, tentando lutar contra a correnteza. Sentia a força do raciocínio dele... sua força e seu propósito. Estava perdendo o controle, sendo puxada cada vez mais para longe da praia.

—Essa força... consegue expandir o tempo? — perguntou ela, de maneira quase automática.

—Sim. E foi isso que deixou as marcas nas costas desses jovens. Os jovens que têm as marcas já foram abduzidos e usados em experiências. Foram todos levados para aquela clareira na floresta, e aquela substância que não conseguimos identificar foi colocada nos corpos de cada um deles. Seja o que for, ela causa uma mutação genética.

— Então, foi essa... essa "força" que correu atrás de Theresa na mata esta noite?

— Não — respondeu Mulder —. Foi Billy Miles. Estava agindo de acordo com um impulso, implantado no seu DNA. Danny Doty sente o mesmo tipo de impulso nos seus próprios genes, e é por isso que quer permanecer na prisão. Sabe que não conseguirá obedecer ao impulso, estando atrás das grades.

Scully balançou a cabeça. Claro. Fazia sentido. Muito sentido mesmo, nenhuma dúvida quanto a isso. Mulder demonstrava perfeita sanidade mental ao lhe dizer tudo aquilo, ao mesmo tempo que ela própria demonstrava total sanidade mental ao balançar a cabeça e praticamente implorar a ele que contasse mais. Era o resto do mundo que estava...

O corpo dela se curvou para a frente com a força da gargalhada.

Mulder olhou para Dana e caiu na gargalhada também.

Ficaram os dois ali, no meio da noite, encharcados pela garôa e com os pés atolados no barro, morrendo de rir.

— Sabe de uma coisa? Ficamos loucos — disse finalmente Scully.

— Claro que ficamos — concordou Mulder, continuando a rir. Finalmente recuperou o fôlego, e disse a Scully: —Vamos. É hora de cair fora daqui.

— E para onde vamos? — perguntou ela, ainda rindo sem controle.

— Ao lugar ao qual pertencemos — disse Mulder —. Ao asilo de loucos. Vamos ver Billy Miles.

Capítulo 17

Scully estava em companhia de Mulder, ao lado da cama de Billy Miles, juntamente com o enfermeiro que cuidava do rapaz. — Vamos ter de esperar até o fim do mundo para ver este rapaz sair da cama — disse o enfermeiro —. Parece que isso não vai acontecer nunca!

Billy estava deitado ali, parado como um cadáver. Só o leve movimento de seu peito, para cima e para baixo, indicava que estava respirando. Seu rosto parecia a máscara da morte, seus olhos eram vazios como duas bolas de vidro.

— Faz três anos que ele está deitado aí, desse mesmo jeito — disse o enfermeiro —. E antes disso, já tinha ficado um ano inteiro em casa.

— Tem certeza? — perguntou Scully — Ele nunca faz movimento algum?

— Estou sempre de olho nele — garantiu o enfermeiro —. O pai dele me paga por fora, para que eu o vigie o tempo

todo. O homem me fez jurar que, se houver qualquer sinal de vida no rapaz, eu devo ligar imediatamente para ele. Acreditem, se esse moço piscar, eu vou ficar sabendo na mesma hora.

Mulder ouvia tudo sem dizer nada, até que adiantou-se e passou a conduzir a situação.

— Você trocou o urinol dele ontem à noite?

— Claro. Ninguém mais aqui faz isso — respondeu o enfermeiro.

— Não notou nada fora do comum? — perguntou Mulder.

— Fora do comum? O que está querendo dizer? Que tipo de coisa poderia ter acontecido com Billy? Eu já disse, homem, ele não se move há mais de...

— O que você estava fazendo ontem à noite, às 21 horas? — interrompeu Mulder.

— Acho que estava vendo TV — respondeu o enfermeiro. Sim. É isso mesmo. Estava vendo um programa na TV.

— E que programa era esse? — perguntou Mulder, com aspereza na voz.

— Era... Espere. Estava vendo... — o enfermeiro fez uma pausa; estava confuso —. Que coisa estranha. Não consigo me lembrar o que...

Ele parou de repente. Scully estava curvada sobre a cama de Billy.

Tinha visto alguma coisa, uma mancha preta no lençol limpo de Billy. Ela foi para os pés da cama e começou a puxar os lençóis.

— Ei, o que está fazendo? — perguntou o enfermeiro.

Scully fez que não ouviu. Puxou o lençol para cima e olhou para os pés descalços de Billy.

— O que está procurando? — insistiu o enfermeiro.

Scully encontrou embaixo de uma das unhas dos pés do rapaz o que estava procurando: terra, terra preta.

O enfermeiro ficou furioso, não estava gostando de ver

aqueles dois se metendo com Billy, pois ele era sua responsabilidade. Aliás, mais do que uma responsabilidade, era sua subsistência.

O enfermeiro chegou a abrir a boca para brigar com Scully mas, antes que o fizesse, Mulder fez-lhe outra pergunta:

— Quem é que estava tomando conta de Peggy O'Dell ontem à noite?

— Não era eu — defendeu-se o enfermeiro —. Aquela área não é minha. Os vegetais daquela ala não são minha responsabilidade, mas é uma pena o que aconteceu com a garota. Era a única que gostava do Billy aqui, acho até que ela o ajudou mais do que todos os médicos juntos. Algumas vezes eu até acho que ele sabia que a garota estava aqui, cuidando dele.

— Como foi que ela conseguiu sair daqui? — perguntou Mulder — E ainda sem a cadeira de rodas?

— Não sei — insistiu o enfermeiro —. Como eu já disse, aquela não é minha ala.

Então ele voltou sua atenção para Scully de novo, quando ela tirou um instrumento de metal da bolsa e usou-o para raspar uma das unhas dos pés de Billy, recolhendo uma amostra de terra e colocando-a num pequeno tubo de vidro. Terminou o trabalho antes que o enfermeiro a pudesse impedir.

A única coisa que ele conseguiu foi perguntar:

— Por que diabo você fez isso, moça?

Mulder respondeu por Scully:

— Obrigado por sua ajuda.

O homem ficou ali parado, boquiaberto, enquanto Mulder e Scully saíam pelo corredor.

Quando os dois se foram, voltou a falar com Billy. Já estava bastante acostumado a monologar todos os dias, mas isso não parecia aborrecê-lo. Na verdade mesmo o que o enfermeiro gostava era do som de sua própria voz.

— Veja só o que aquela moça acabou fazendo. Desarrumou os lençóis limpinhos e bem esticadinhos que a gente tem aqui. Agora preciso arrumar de novo. Claro que ela ajudou, dando uma limpada nas suas unhas, embora eu não tenha idéia de como foi que conseguiu sujá-las. Deve ser transpiração muito forte ou coisa parecida, porque você está vivo, garotão, vivinho! Caso contrário, seu velho não ia me dar aquele abono todas as semanas. E eu bem que mereço, porque não é nada fácil ficar trancado aqui com você o tempo todo, principalmente porque você não é exatamente o meu tipo ideal de companhia. Acho até que minha mente está ficando meio perturbada. Sabe que eu poderia jurar que você olhou para aquela moça, quando ela limpou suas unhas? Isto significa que é melhor eu dar um jeito de tirar umas férias, caso contrário, alguém vai ter que cuidar de *mim*.

— Adivinha para onde eu quero ir agora? — perguntou Scully.

— Para o hotel, claro, só que vai demorar uns vinte minutos para chegar lá... se é que sobrou alguma coisa — disse Mulder.

— Então acho que não preciso lhe dizer o que estou procurando — disse Scully.

— Vamos rezar para que encontremos — arrematou Mulder.

Scully tampou o nariz quando entraram na área queimada do hotel, mas ela logo se esqueceu do mau cheiro.

— Estamos com sorte — disse ela a Mulder, apanhando um saquinho de plástico, parcialmente derretido. O conteúdo, todavia, estava intacto —. Eu sabia que estava certa, quando apanhei uma amostra de terra no solo da clareira.

— Um ponto para o seu curso na Academia — brincou Mulder.

— E aqui esta outra coisa que restou — disse ela, apanhando o tubo de ensaio. O vidro estava rachado, mas o pequenino objeto de metal, o implante encontrado na narina da criatura do caixão, também estava intacto —. O nosso amiguinho incendiário pode ser bom, mas não é *tão* bom assim — disse Scully.

— É hora de ver se nós também somos bons. Vamos para o laboratório, pois há muito trabalho a fazer.

— Sem problema — garantiu Scully —. Vai ser como brincadeira de criança.

Ela estava certa, o trabalho foi simples. Dana colocou sobre uma lâmina de vidro a terra encontrada na unha de Billy e, ao lado dessa amostra, pôs um pouco da amostra que tirara da clareira na floresta. Com a lâmina debaixo das lentes do microscópio, ela sabia que bastava um rápido exame visual.

— Conseguimos! — exclamou ela — Combinam perfeitamente!

— Meus parabéns, parceira — disse Mulder, contente. E virou a palma da mão para cima, para ela bater

Capítulo 18

Parece que não estamos sozinhos — disse Mulder. O farol do carro deles iluminou um veículo de tração nas quatro rodas, que estava parado na borda da floresta.

Scully reconheceu imediatamente o veículo.

— É nosso velho amigo, o detetive Miles — disse ela —. Parece que gosta mesmo de vir à floresta de noite.

— Talvez ele seja um escoteiro que nunca cresceu — disse Mulder —. Gostaria de saber que boa ação ele está preparando para hoje.

— Tenho certeza de que vamos descobrir logo. Mas não vamos nos preocupar com isso agora. Temos outras coisas a investigar primeiro.

Ela parou o carro ao lado da camionete da polícia, desceram, acenderam suas lanternas e seguiram pelo caminho iluminado entre as árvores.

— Seria de esperar que a gente já conhecesse bastante

bem estas picadas na mata — disse Scully —. Mas, não sei por quê, eu me sinto perdida aqui. Talvez seja todo este caso. Eu vivo me perdendo. Cada vez que descobrimos uma resposta, outra dúvida aparece no ar.

— Bem-vinda ao clube — disse Mulder, afastando um galho da frente do rosto —. Já faz vários anos que me sinto assim. É como estar metido num labirinto com túneis e curvas sem fim. Um labirinto feito para nos confundir, por mais espertos que pensemos ser.

Ele ficou em silêncio. O único ruído que se ouvia era o barulho noturno da floresta: o vento nas árvores, uma coruja piando, o corre-corre de animaizinhos desconhecidos e o ruído suave dos seus pés amassando as folhas secas no chão.

Mulder então perguntou:

— E você, Scully, o que acha desse labirinto? Por acaso se assusta com ele? Não te dá às vezes vontade de jogar tudo para o ar e sair correndo, enquanto pode? Ou você é como eu? Será que foi longe demais, para poder largar tudo e fugir?

— Tenho de responder a essa pergunta agora? — perguntou Scully, em tom de brincadeira — Ou posso rever as minhas anotações?

— Demore o tempo que achar necessário — disse Mulder —. Mas vai ter de responder, cedo ou tarde. Não necessariamente para mim, porém para você mesma. E, claro, aos velhotes que a mandaram para trabalhar comigo. Nossos queridos chefes.

— Pois acho que vou me preocupar com isso depois — admitiu Scully. Ela encontrou o lugar de onde havia tirado as amostras de terra preta e cinzas —. Veja — disse ela, apontando a lanterna para pegadas que encontrara sobre as cinzas.

— Alguém deixou pegadas — disse Mulder.

— Alguém que estava descalço — disse Scully —. Era de esperar.

— Ouça! — sussurrou Mulder — E alguém correndo.

Scully ouviu também. Era o barulho de um corpo passando rápido por entre os arbustos.

Mulder virou a lanterna na direção do barulho. Foi tão rápido que conseguiu iluminar uma figura que se escondia no meio das árvores. Mas não foi rápido o bastante para ver quem era.

Scully viu quando ele saiu correndo atrás do sujeito, mas hesitou por uma fração de segundo, para sair correndo também. Talvez não conseguisse alcançá-lo, mas pelo menos esperava mantê-lo ao alcance do facho de luz.

Mulder ia em zigue-zague, entrando e saindo do meio das árvores e Dana fazia de tudo para que ele não desaparecesse de seu campo de visão. Por um segundo, ela pensou que o perdera, mas aí voltou a vê-lo, saindo de trás de uma árvore. Só que ele estava se distanciando muito e ela precisava acelerar mais sua corrida. Suas pernas estavam cada vez mais pesadas, como se fossem feitas de chumbo, e também estava ficando sem fôlego. Teve de usar toda a sua força de vontade para respirar mais fundo, correr mais depressa...

De repente...

Alguma coisa bateu muito forte na parte de trás de suas pernas.

E as pernas pareciam ter sumido.

Scully estava caindo.

Ela sentiu o impacto nos cotovelos, quando caiu apoiando-se nas palmas das mãos.

Seu queixo apoiou-se na terra. Lentamente ela ergueu a cabeça e viu um par de botas arranhadas e cobertas de terra.

Seus olhos subiram pelas longas pernas dentro das calças azul-escuro. Depois viu uma barriga enorme, quase arrebitando os botões da camisa, apertada por um cinturão

preto. Aí o seu olhar se concentrou nos canos brilhantes de uma garrucha, apontada para sua cabeça.

Não foi preciso perder tempo para tentar reconhecer o homem, olhando para seu rosto.

— Detetive Miles — disse ela —. Interessante encontrar o senhor por aqui!

— Encoste um dedo no meu filho e eu te apago! — prometeu ele, e saiu correndo.

Scully sabia para onde Miles estava indo. Na hora, só pensou em alcançar Mulder antes daquele policial assassino, mas não sabia o que poderia fazer para ajudar o parceiro. Sabia que tinha de fazer alguma coisa, qualquer coisa. Como seria bom se tivesse seu revólver, ou se Mulder estivesse com o seu! Karatê era bom, mas nem um faixa preta conseguiria deter uma bala.

Ela se levantou e disparou pela mata. Só que, agora, estava correndo às cegas. Já não via Mulder nem Miles. A única coisa que podia fazer era correr o mais rápido possível, esperando alcançar Mulder a tempo.

Foi então que se viu na entrada de outra clareira; seu coração bateu mais forte quando avistou Mulder.

Ele estava em pé do outro lado da clareira, com a lanterna apontada para a parte central do espaço aberto.

Ali, paralisado no meio do raio de luz, estava Billy Miles, vestindo apenas as calças do pijama.

Scully agarrou-se em um tronco de árvore em busca de apoio, e viu duas marcas avermelhadas nas costas de Billy.

A visão dessas marcas foi realmente chocante, porém, mais chocante ainda foi ver a figura que Billy levava nos braços.

Era Theresa Nemman, de camisola, com um roupão de banho por cima. Parecia completamente desligada do mundo.

Mulder gritou:

— Billy! Ponha-a no chão, Billy!

O rapaz tinha os olhos vidrados, como se estivesse andando por um outro planeta.

Aí foi a vez de Scully gritar.

Ela viu o detetive Miles saindo do meio das árvores, atrás de Mulder, com a garrucha em punho e os olhos fuzilando de ódio.

— Mulder! — gritou ela com toda a força dos pulmões, que ardiam de cansados — Cuidado! Atrás de você! Está armado! Ele vai...!

Mas, quando as palavras saíram de sua boca, ela sabia que já era tarde demais.

Capítulo 19

Mulder ouviu os gritos de Scully e teve tempo de virar-se para trás, para ver Miles correndo do meio da floresta, na sua direção. Não haveria tempo, porém, de impedir que o homem disparasse. Mas o enorme detetive parecia nem estar vendo Mulder.

Só tinha olhos para seu filho.

— Billy! Eu amo você, meu filho! Mas esta é a única saída!

Miles urrava como um urso ferido... e levantou a arma.

Houve um disparo... para o ar.

Miles tinha caído, derrubado pela ação defensiva de Mulder.

"Excelente jogador para a defesa", pensou Scully.

Ela viu Mulder curvando-se para apanhar a garrucha e correu a ajudá-lo. Enquanto isso, Billy permanecia parado, com Theresa nos braços, como se fosse uma estátua perfeita, em tamanho natural.

Nesse momento, Scully paralisou, sentindo que a clareira adquiriria vida.

Um redemoinho de poeira e folhas secas levantou-se do chão, formando uma barreira em movimento, ao redor de Billy e sua carga. O vento gemeu entre as árvores. De cima, veio um zumbido forte, atrás do zumbido, um barulho de metais se chocando, insuportável. Com o barulho, uma estonteante luz branca que inundou a clareira. Mulder e Miles desapareceram no meio dos raios ofuscantes.

Tudo acabou com a mesma rapidez que começara.

Scully piscou várias vezes, para focalizar sua visão. Viu Billy e a garota deitados lado a lado, no chão, ambos cobertos de poeira e folhas secas.

Mulder e Miles também os viram. Os dois homens levantaram-se e correram para os dois jovens caídos. Scully chegou no mesmo instante que eles.

Miles ajoelhou-se ao lado do filho.

— Billy... —. solucionou ele.

Billy ergueu a cabeça.

— Papai...? — conseguiu dizer, e levantou-se, com a ajuda do detetive. Ao seu lado, Theresa também se moveu. Scully a ajudou a levantar-se.

— Quem é você? — perguntou a jovem — O que estou fazendo aqui?

Scully examinou os olhos confusos da garota. Aí, sentiu uma mão que lhe tocava o braço. Era Mulder. Seguiu o olhar dele e viu as costas de Billy. Teve de sufocar um grito.

As marcas vermelhas tinham desaparecido.

— Detetive Miles — disse Mulder —. O senhor se importa se fizermos algumas perguntas a Billy?

— Eu? Importar-me? Não, claro que não — respondeu o detetive. Havia enlaçado Billy pela cintura, e olhava para o filho com enorme alegria —. Você me impediu de fazer a coisa mais maluca que um pai poderia fazer. Salvou a vida do meu

filho. Ajudou-me a trazê-lo de volta de entre os mortos. Faça qualquer coisa que você quiser.

O detetive insistiu em levar ele mesmo o filho de volta para o hospital psiquiátrico. Mulder e Scully deixaram Theresa em sua casa e também foram para o hospital.

— Ei, devagar! — advertiu Mulder — Não podemos dirigir como loucos por aqui!

— É verdade — disse Scully, diminuindo a velocidade, para o limite mostrado na sinalização. Mulder tinha razão. Eles não podiam arriscar-se a bater o carro. Não antes de obter algumas respostas de Billy.

O rapaz estava outra vez deitado em sua cama, quando eles chegaram. O dr. Glass estava a seu lado, e parecia muito confuso.

— É um caso bastante singular — disse ele —. Em todos os meus anos de experiência, jamais vi coisa parecida.

— Tem toda razão — disse Mulder —. É um caso fora do comum, e por isso mesmo é muito importante que façamos algumas perguntas a Billy.

— Claro — disse o psiquiatra —. Mas não por muito tempo, pois ele ainda está muito fraco. Sua recuperação vai demorar um pouco.

Billy parecia enfraquecido, deitado na cama em que estivera durante três longos anos. Mas o seu olhar estava bem vivo, e muito embora a voz fosse fraca, era bastante clara.

Mulder manteve um tom baixo na voz, por não querer perturbar o equilíbrio mental de Billy, ainda frágil como um castelo de cartas.

— Diga-me o que sabe sobre aquela luz, Billy. Quando foi que a viu pela primeira vez?

— Foi na floresta — respondeu o rapaz —. Estávamos todos lá fazendo uma festa. Todos os meus amigos. Estávamos comemorando.

— O que estavam comemorando? — perguntou Mulder.

— A formatura — respondeu o rapaz.

— Mas você acabou não se formando — continuou Mulder.
— Não, porque a luz me levou embora.
— Para onde levou você?
— Para o campo de testes — explicou Billy.
— Eles fizeram alguns testes com você? — perguntou Mulder.
— Sim — respondeu Billy.
— E você os ajudou a testar os outros?
— Sim. Eu tinha de esperar as ordens deles, para juntar os outros.
— Como é que eles ciavam as ordens? — perguntou Mulder.
— Através do implante. Mas os testes não deram resultado. Eu...
A voz de Billy estava ficando ainda mais fraca. Parecia a luz de uma vela tremulando na brisa.
— Você o quê? — insistiu Mulder, curvando-se para a frente, para não perder nada do que o rapaz dissesse. Atrás de Mulder, Scully fez o mesmo.
Eles viram lágrimas correndo pelo rosto de Billy, e ouviram o rapaz dizer, entre soluços:
— Eles disseram que tudo acabaria bem. Não queriam que ninguém soubesse, queriam tudo destruído. Estou assustado. Tenho medo de que eles voltem.
— Não há motivo para ficar assustado — disse Mulder, tentando acalmá-lo. Agora, quero que você me diga...
Mas Billy não ia dizer mais nada naquela noite. Estava chorando sem controle.
— Acho que temos de parar por aqui — disse o dr. Glass —. Espero que já tenha ouvido o suficiente.
— Não diga isso a mim — respondeu Mulder —. Diga à agente Scully — mas Mulder não resistiu, e perguntou: — Que tal, Scully? Já ouviu o suficiente? É o bastante para terminar seu relatório?

Capítulo 20

Estão esperando por você — o agente especial Jones disse a Scully. Ela sentiu vontade de virar para trocar olhares com Mulder, mas não o fez, porque Mulder já não estava mais ali.

"Engraçado", pensou ela, "estava tão acostumada a ter Mulder sempre por perto!".

Engraçado como os dois haviam formado um time com tanta rapidez.

Mas agora, ela estava sozinha. De volta à sede do FBI, em Washington. Os chefões tinham lido o relatório que ela lhes dera e agora queriam falar com ela.

Jones a levou para a sala de conferências, onde viu os mesmos homens que tinha visto antes.

Estaria ela com a mesma aparência? Pareceria a eles a mesma agente sadia e equilibrada que haviam designado para um caso amalucado?

Tentou manter a mesma frieza de antes, o mesmo ar

imponente, quando se sentou. E esperou pela saraivada de perguntas.

O homem mais velho, o chefe de todos, foi o primeiro a falar.

— Estudamos o seu relatório com cuidado, srta. Scully, e francamente, não sabemos o que pensar a respeito.

O homem ao lado dele perguntou:

— Por acaso o agente Mulder tentou impor sua vontade sobre você, de algum modo? Procurou confundir-la? Fazer lavagem cerebral?

A resposta de Scully foi firme:

— Não, senhor! O agente Mulder permitiu que eu tomasse minhas próprias decisões. Nada de lavagem cerebral. Nenhum truque, tudo limpo e claro.

Um terceiro chefe entrou no questionário. Sua voz era arrogante.

— Então a senhorita também acha que há alienígenas do espaço voando pelo país inteiro, atacando as pessoas com suas pistolas de raios?

Scully forçou um sorriso polido. Agiu como se o chefe estivesse fazendo uma piadinha, e disse:

— Não, senhor. Acho que ainda não temos provas suficientes para afirmar isso. Pelo menos por enquanto.

— Eu li sobre as provas que você diz ter — disse o segundo interrogador —. Dilatação do tempo, cadáveres grotescos e aquela outra coisa, a que você chama de implante. Não é isso?

Scully tirou o tubo de ensaio que levava na bolsa. Talvez servisse para causar o efeito que seu relatório não tinha conseguido; talvez aqueles velhotes só acreditassem vendo.

Os homens foram passando o tubo de mão em mão e cada um à sua vez foi examinando o objeto que havia dentro.

— Os nossos testes de laboratório não nos permitiram identificar o tipo do metal — explicou Scully —. Este objeto

saiu da cavidade nasal do estranho cadáver. Billy Miles nos descreveu o mesmo objeto e disse que tinha um igual no seu nariz. Segundo ele, era o que o mandava matar. Podemos dizer que é um tipo de fax, usado para mandar uma mensagem para matar.

O tubo foi parar nas mãos do mais velho. Ele ficou olhando para o objeto, como se estivesse pensando no que dizer a respeito.

Por fim, olhou bem para Scully e disse:

— Vamos voltar à Terra. O que aconteceu com o rapaz, Billy? Ele vai ser levado a julgamento?

— Ficou decidido que o pai de Billy e o diretor do Instituto Médico Legal obstruíram a justiça — informou Scully —. Claro que Billy confessou sua participação nos assassinatos.

— Sua *participação*? — perguntou o segundo chefe — Quem mais poderia estar envolvido?

Antes que Scully pudesse responder, o segundo em comando perguntou:

— Está nos dizendo que o rapaz vai ser levado a julgamento por assassinato?

— Não, senhor — respondeu ela —. Conseguimos convencer a justiça local a retirar as acusações. Dissemos que seria a melhor solução para todos os envolvidos.

— Isso mesmo — disse o segundo chefe —. Era só o que faltava. Algum advogado espertinho colocando Mulder no banco das testemunhas, usando um agente do FBI para livrar seu cliente de uma acusação de assassinato, com a defesa baseada na "abdução pelos alienígenas".

O terceiro chefe voltou a erguer a voz, para perguntar:

— Por acaso alguém parou para pensar se o rapaz não seria um psicopata muito inteligente?

Scully procurou por uma resposta que não tinha, mas o chefe a salvou da tentativa de tirar um coelho da cartola, quando disse:

— Acho melhor voltarmos ao propósito principal desta reunião. Em que acredita o agente Mulder?

Agora Scully estava diante de outro problema. Havia tanta coisa que ela podia dizer, tanta coisa que Mulder havia revelado! Muita coisa em que ninguém mais no mundo acreditaria.

Certamente aqueles homens não acreditariam.

Ela fez o melhor possível e disse o menos que podia.

— O agente Mulder acha que não estamos sozinhos.

O chefão olhou bem para ela e fez um pequeno movimento com os ombros. Poderia ter sido um sinal de indiferença.

— Obrigado, srta. Scully — disse ele —. Está dispensada.

— Eu só queria dizer que... — começou ela.

— Obrigado, srta. Scully — interrompeu o homem.

— Sim, senhor. Obrigada, senhor — disse Scully.

Scully sentiu um frio no estômago, quando se levantou.

Só uma coisa a impediu de sentir-se mal. O leve sorriso do agente Jones, quando ela passou por ele, perto da porta. O sorriso parecia dizer que ela fizera um bom trabalho.

O sorriso de Jones desapareceu, quando ele fechou a porta por dentro. Sua expressão era de desânimo, quando voltou para junto dos chefes.

Os homens sentados à mesa estavam comparando anotações.

— O relatório dela combina com os documentos secretos do Pentágono — disse o terceiro chefe, balançando a cabeça.

O segundo chefe tinha a mesma opinião.

— Vai ser o fim se este assunto chegar à Imprensa, ou então se o Congresso ficar sabendo. Teríamos de passar o resto do nosso tempo correndo atrás de fantasmas e alienígenas.

Um dos chefes que se mantivera em silêncio, fez um comentário amargo:

— Se isso acontecesse, o FBI passaria a ser conhecido como o Bureau Federal de Investigações de Assombrações, Extraterrestres e Afins!

— Seria motivo para histeria geral — disse outro — se não de explosões de gargalhadas.

O chefe mais velho ouviu com atenção a todos os comentários, até que a atenção geral voltou-se para ele.

O chefe pigarreou e disse:

— Cavalheiros, este relatório não apresenta provas conclusivas. Vamos ter de permitir que a agente Scully continue de olho em Mulder. Ela tem de nos fornecer fatos relevantes para que possamos fechar o Arquivo X para sempre. Até que isso aconteça, a informação trazida por este primeiro relatório da agente Scully não vai sair desta sala. Agente Jones: archive o relatório, como sempre o fazemos.

— Sim senhor — respondeu Jones.

Ele recolheu da mesa todas as cópias do relatório, uma verdadeira montanha de papéis. Scully tinha sido bastante minuciosa.

O superior, então, lhe entregou o tubo de ensaio com o implante de metal, recomendando:

— Tome muito cuidado com isto — ordenou ele.

— Sim, senhor — disse Jones.

Ao sair dali, o primeiro lugar em que Jones parou foi no porão da sede do Bureau. Entrou em uma sala que poucos agentes sabiam que existia, à qual menos agentes ainda tinham acesso.

Ali havia uma fornalha feita de aço inoxidável, sempre em atividade. Abriu a porta e atirou os relatórios lá dentro. Apertou um botão e ficou observando as chamas alaranjadas subirem famintas, engolindo tudo.

Esperou até que o fogo consumisse todo o material, para depois sair caminhando apressadamente.

Foi para o estacionamento do FBI e ordenou ao manobrista:

— Preciso de um carro oficial agora.

— Outra missão especial, Agente Jones? — perguntou o homem — Bonito dia para um passeio de carro, hein? Algumas

pessoas têm mesmo toda a sorte do mundo. Eu tenho de ficar preso aqui até as seis da tarde.

— E, sou um cara sortudo! — disse Jones.

E deixou a cidade. Atravessou o Potomac e continuou dirigindo pelo interior verde da Virgínia. Saiu da rodovia principal e entrou por uma vicinal.

Parou diante de um enorme portão de ferro, numa propriedade cercada por um alto muro de pedras. Parecia ser a entrada de uma propriedade particular, não fosse por dois soldados de guarda, armados com pistolas semi-automáticas.

— Olá, Jones — saudou o sargento encarregado da guarda, quando o agente especial mostrou seu distintivo —. Outro trabalhinho?

— Sim, outro trabalhinho — concordou Jones.

Os portões de ferro se abriram e Jones entrou com o carro, seguindo o caminho asfaltado até um enorme edifício de concreto, sem janelas.

Jones mostrou o distintivo a outro soldado que estava na porta e entrou.

Lá dentro havia um verdadeiro labirinto de prateleiras que iam do piso ao teto, cheias de caixas de metal trancadas.

Jones continuou andando, pois sabia exatamente onde estava indo.

Parou na parede do fundo do enorme salão, tirou uma chave do bolso e abriu uma caixa marcada com um número de código.

Com todo o cuidado, colocou dentro o tubo de ensaio.

Bem ao lado de quatro outros tubos idênticos.

Fechou e trancou a caixa de metal, imaginando quantas viagens como aquela ainda faria até aquele mesmo depósito.

Pensou em Scully, em Mulder e no Arquivo X, repleto de relatórios semelhantes.

Ao sair do prédio, disse ao guarda:

— Até a próxima, meu caro.